

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE/UNICENTRO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PROPESP  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS- PPGL

SIMONE APARECIDA MIGON

VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS DA LIBRAS NAS REGIÕES SUDESTE E OESTE DO  
PARANÁ

Guarapuava

2022

SIMONE APARECIDA MIGON

VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS DA LIBRAS NAS REGIÕES SUDESTE E OESTE DO  
PARANÁ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, PPGL/UNICENTRO, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Letras.

Linha de pesquisa: Texto, memória e cultura.

Orientadora: Profa Dra. Loremi Loregian-Penkal.

Guarapuava

2022

Catálogo na Publicação  
Rede de Bibliotecas da Unicentro

M636v Migon, Simone Aparecida  
Variações linguísticas da Libras nas regiões Sudeste e Oeste do  
Paraná / Simone Aparecida Migon. -- Guarapuava, 2022.  
x, 90 f. : il. ; 28 cm

Dissertação (mestrado) – apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
Strictu Sensu em Letras, PPGL/UNICENTRO, para obtenção do título de  
Mestre em Letras. Área de concentração: Letras na linha de pesquisa:  
Texto, Memória e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Loremi Loregian-Penkal

Bibliografia

1. Surdos. 2. Língua de Sinais. 3. Variação Linguística. 4. Paraná. I.  
Título. II. Programa de Pós-Graduação em Letras.

CDD 400



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE/UNICENTRO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PROPESP  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS- PPGL

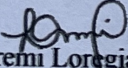


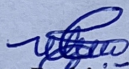
### TERMO DE APROVAÇÃO

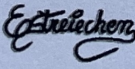
**Simone Aparecida Migon,**


### “VARIACIONES LINGÜÍSTICAS DA LIBRAS NAS REGIÕES SUDESTE E OESTE DO PARANÁ”

Dissertação aprovada em 15/12/2022 como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, área de concentração Interfaces entre Língua e Literatura, pela seguinte Banca Examinadora:

  
Prof.(a) Dr.(a) Loremi Loregian-Penkal (UNICENTRO) - Presidente/Orientador(a)

  
Prof.(a) Dr.(a) Ulisdete Rodrigues de Souza Rodrigues (UnB) - Membro Titular

  
Prof.(a) Dr.(a) Eliziane Manosso Streiechen (UNICENTRO) - Membro Titular

  
Prof.(a) Dr.(a) Cristiane Malinoski Pianaro Angelo (UNICENTRO) - Membro Titular

GUARAPUAVA-PR  
2022

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pelo dom da vida;

À minha orientadora, Professora Doutora Loremi Loregian Penkal, pela oportunidade de pesquisar algo voltado à língua de sinais, pois outras vezes não fui aceita em programas de mestrado por conta da minha vontade de pesquisar sobre Surdos. **MUITO OBRIGADA!**

À minha família, pais, irmãos, marido e cunhados, pelo apoio e incentivo aos estudos, as forças na luta do dia a dia, pois sem a família por perto, nada seríamos.

Aos mestres e doutores do PPGL da Unicentro, pelas aulas maravilhosas, de grande aprendizado e esclarecimento, mesmo que em tempos pandêmicos, não perderam o foco e mantiveram o conhecimento às claras.

Aos colegas de mestrado, que, mesmo distantes, nos deram força e coragem.

À minha surda Rosane (tratamento de carinho e amizade que tenho e assim considero “minha surda”), por ser a primeira aluna surda quando ingressei no trabalho com surdos, e, além de tudo, minha amiga, durante a trajetória de vida e de estudos.

Aos componentes da banca, por aceitarem fazer parte desse processo. **APRENDI MUITO.**

À CAPES, por financiar parte desta pesquisa.

“N3o h3a barreiras que o ser humano n3o possa transpor.”

Helen Keller

## RESUMO

Esta pesquisa teve como finalidade contribuir para a descrição de variações linguísticas presentes na Língua Brasileira de Sinais – Libras –, língua da comunidade surda brasileira, de modalidade espaço visual. Buscamos trazer subsídios às discussões acerca da educação de surdos, com base na análise das principais variações existentes na língua em duas regiões do Paraná, Sudeste e Oeste, sendo o principal objetivo desta pesquisa. Os objetivos específicos consistiram em uma investigação e no levantamento dos sinais utilizados na região Sudeste e Oeste; em seguida, em uma comparação dos sinais encontrados nestas duas regiões; a partir disso, elencamos as semelhanças e diferenças por meio de exemplos dos sinais encontrados nas duas regiões analisadas. Portanto, analisamos comparativamente os sinais encontrados com base na literatura adotada na pesquisa, a qual abrangeu as variedades da língua como característica social e não como erro gramatical. A pesquisa contemplou informações presentes na gramática em uso, que possibilitou a concretização e a discussão dos dados encontrados. A base teórica escolhida, que aprofunda os referidos estudos, é a sociolinguística, ciência que estuda a relação entre língua e sociedade. A metodologia consistiu-se na análise das obras: Curso de Libras Básico I, apostila desenvolvida pelo CAS Regional Oeste/ Cascavel/PR no ano de 2021 e o livro *Libras: aprender está em suas mãos*, da professora Eliziane Manosso Streiechen, publicado em 2017 pela Editora CRV. Alguns autores serviram de base para o desenvolvimento da pesquisa, dentre eles, Labov (2008), Streiechen (2013), Quadros e Karnoop (2006), Strobel (2009), Moura (2015), dentre outros. Os principais dados obtidos mostraram as variações em cada região, quanto ao parâmetro fonológico, que na Libras ocorre em relação à configuração de mãos, movimento, ponto de articulação e local onde são realizados os sinais. Mesmo dentro do próprio Estado, ocorrem variações específicas, modos de sinalizar diferenciados, mostrando, assim, que a Libras é uma língua viva e que tem suas características próprias. Os sinais pesquisados não contemplam desentendimento ou falhas sobre a língua, renovam o vocabulário já existente e mostram que cada região tem sua identidade, suas características próprias que vão influenciar no processo e incorporação de novos sinais.

**Palavras-chave:** Surdos; Língua de Sinais; Variação Linguística; Paraná.

## RESUMEN

Esta investigación tuvo como objetivo contribuir para la descripción de las variaciones lingüísticas presentes en la Lengua de Signos Brasileña – Libras –, la lengua de la comunidad sorda brasileña, en una modalidad de espacio visual. Buscamos traer subsidios a las discusiones sobre la educación de los sordos, a partir del análisis de las principales variaciones existentes en la lengua en dos regiones de Paraná, Sudeste y Oeste, siendo el principal objetivo de esta investigación. Los objetivos específicos consistieron en una investigación y relevamiento de los signos utilizados en las regiones Sudeste y Oeste; luego una comparación de los signos encontrados en estas dos regiones; a partir de esto, enumeramos las similitudes y diferencias a través de ejemplos de los signos encontrados en las dos regiones analizadas. Por lo tanto, analizamos comparativamente los signos encontrados con base en la literatura adoptada en la investigación, que abarcó las variedades del lenguaje como una característica social y no como un error gramatical. La investigación contó con informaciones presentes en la gramática en uso, lo que posibilitó la implementación y discusión de los datos encontrados. La base teórica escogida, que profundiza en los estudios antes mencionados, es la sociolingüística, la ciencia que estudia la relación entre lengua y sociedad. La metodología consistió en analizar las obras: Curso de Libras Básico I, folleto desarrollado por CAS Regional Oeste/ Cascavel/PR en el año 2021 y el libro Libras: Aprender está en sus Manos, de la profesora Eliziane Manosso Streiechen, publicado en 2017 por Editorial CRV. Algunos autores sirvieron de base para el desarrollo de la investigación, entre ellos, Labov (2008), Streiechen (2013), Quadros y Karnoop (2006), Strobel (2009), Moura (2015), entre otros. Los principales datos obtenidos mostraron las variaciones en cada región, en cuanto al parámetro fonológico, que en Libras se da en relación a la configuración de las manos, movimiento, punto de articulación y lugar donde se realizan las señas. Incluso dentro del propio Estado, existen variaciones específicas, diferentes formas de señalización, mostrando así que Libras es una lengua viva y que tiene sus propias características. Los signos investigados no contemplan malentendidos o errores sobre la lengua, renuevan el vocabulario existente y muestran que cada región tiene su identidad, sus propias características que influirán en el proceso e incorporación de nuevos signos.

**Palabras llave:** Personas sordas; Lengua de Signos; Variación Lingüística; Paraná.



## **LISTAS DE SIGLAS**

FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos

CAS – Centros de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

ASL – American Sign Language – Língua Americana de Sinais

LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais

LS – Língua de Sinais

LP – Língua Portuguesa

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

IES – Instituição de Ensino Superior

ENM – expressões não manuais

CM – configuração de mãos

PA – ponto de articulação

M – movimento

O – orientação da mão

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Configurações de mãos propostas por Brito (1995).....	43
Figura 2 – Configurações de mãos propostas por Brito (1995).....	44
Figura 3 – Configurações de mãos propostas por Brito (1995).....	44
Figura 4 – Configurações das mãos propostas por Tania Felipe.....	45
Figura 5 – Mesorregiões do Paraná .....	64
Figura 6 – Acessibilidade em Libras .....	84

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Sinais de aprender, sábio e desodorante-spray. ....	30
Quadro 2 – Sinais realizados na testa, trabalhar, esquecer e aprender .....	31
Quadro 3 – Sinais que apresentam movimento: sorrir, chorar. Sinal que não tem movimento: ajoelhar. ....	31
Quadro 4 – Sinais que apresentam direção: ir e vir. Sinais que apresentam orientação: acender e apagar.....	32
Quadro 5 – Sinais que apresentam expressão facial e corporal: alegre, triste.....	33
Quadro 6 – Sinais de branco com CM de diferentes. ....	41
Quadro 7 – Sinal de MAGRO .....	70
Quadro 8 – Sinal de FAMÍLIA .....	71
Quadro 9 – Sinal de MAMÃE.....	72
Quadro 10 – Sinal de PAPAI.....	73
Quadro 11 – Sinal de PAPAI.....	73
Quadro 12 – Sinal de ONTEM.....	74
Quadro 13 – Sinal de SEPARAÇÃO (estado civil) .....	75
Quadro 14 – Sinal de SEPARAÇÃO (estado civil) .....	75
Quadro 15 – Sinal de FRIO .....	76
Quadro 16 – Sinal de LONGE.....	77
Quadro 17 – Sinal de LONGE.....	78

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA .....	11
CAPÍTULO I – LIBRAS – A HISTÓRIA DE UMA LÍNGUA .....	18
1.1 EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS DE SURDOS/INÍCIO DAS LÍNGUAS DE SINAIS .....	18
1.2 COMUNICAÇÃO TOTAL.....	20
1.3 EDUCAÇÃO BILÍNGUE .....	21
1.4 LÍNGUAS DE SINAIS E A LIBRAS.....	22
1.5 LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS OU LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA?27	
1.6 STATUS DE LÍNGUA.....	28
1.7 Configuração de mãos .....	30
1.7.1 Ponto ou local de articulação .....	30
1.7.2 Movimento.....	31
1.7.3 Orientação/direcionalidade .....	32
1.7.4 Expressão facial e/ou corporal.....	32
CAPÍTULO II – SOCIOLINGUÍSTICA .....	38
2.1 SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA .....	46
2.2 SOCIOLINGUÍSTICA NO BRASIL.....	47
2.2.1 Principais conceitos da sociolinguística.....	50
2.2.2 Mudança linguística e tempo .....	53
2.2.3 Preconceito e respeito linguístico .....	54
2.2.4 Variações linguísticas na Libras .....	57
CAPÍTULO III – Metodologia .....	61
CAPÍTULO IV - ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS .....	67
4.1 Língua de sinais é universal? .....	67
4.1.1 Língua ou linguagem de sinais?.....	67
4.1.1.1 Língua de sinais são gestos, mímica?.....	68
4.1.1.1.1 As línguas de sinais não são naturais? .....	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	80
REFERÊNCIAS .....	85

## APRESENTAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

Estudar uma língua diferente da minha, daquela que eu uso no meu dia a dia, uma língua que usa o espaço visual e a comunicação por meio das mãos/sinais? Por quê? Porque é essa a língua que quero aprender sempre mais, buscar explicações mais fundamentadas para as variações linguísticas, conhecer os diferentes sinais existentes para uma mesma palavra, inclusive dentro do próprio Estado. Assim, nesta dissertação, busquei analisar as variações no Estado do Paraná.

Além do mais, aprender Libras é uma oportunidade para me comunicar e conhecer melhor a comunidade surda, procurando eliminar as barreiras de comunicação nos espaços sociais e garantir um diálogo, promovendo a inclusão entre as pessoas surdas e ouvintes.

Quando tive contato pela primeira vez com a Libras, foi durante a graduação em Geografia Licenciatura Plena (2009-2012), mais especificamente em 2011, quando fiz parte da primeira turma do curso a ter a reformulação da grade acadêmica, sendo inserida a disciplina de Libras no currículo. No primeiro contato com a língua, apresentei bastante dificuldade, porém, demonstrei curiosidade em conhecer mais e aprender a me comunicar por meio de sinais com as pessoas “que não falavam”. Chamava-me a atenção sempre que olhava nas redes de comunicação a janela de tradução, mas percebia também que faltava material disponível sobre o tema e diálogo na área.

Na busca de aperfeiçoamento nos estudos, sempre tive interesse em trabalhar com algo relacionado à surdez. Ao iniciar a carreira do magistério, logo em seguida da graduação, tive uma turma que tinha um aluno surdo em sala – o Claudio (Claudinho, como era conhecido no colégio) – que tinha o intérprete junto em sala, o Márcio. Com eles pude aprender mais, sempre ficava prestando atenção nos dois e algum diálogo conseguia reproduzir, pois estava no início das minhas especializações.

Finalizada a graduação, iniciei a pós-graduação em nível de especialização, voltada à Educação Especial, área que me identifiquei mais no trabalho. Dentro da educação especial tínhamos a Libras nas disciplinas específicas, e ainda a presença dos alunos surdos nas aulas. Ao ver o diálogo e o desejo dos surdos em nos ensinar, o interesse em aprender foi aumentando.

Em seguida, realizei mais dois cursos de especialização e cursos de formação inicial continuada em Libras, sempre procurei estar perto dos surdos para não perder o contato com a língua. Decidi, então, fazer a banca de proficiência para poder trabalhar com surdos, na qual consegui ser aprovada, e atualmente trabalho como intérprete, um trabalho que soma 4 anos, em contato direto com surdos na sala de aula e no dia a dia. A comunicação melhorou muito,

mas há ainda mais desejo de aprendizado e aperfeiçoamento, mesmo diante das dificuldades encontradas ao longo do percurso.

Ao ingressar na formação *Stricto Sensu*, nível mestrado, quis pesquisar algo voltado aos surdos, porque, embora outros campos sejam também relevantes, o meu campo de interesse e de especialidade profissional é a surdez e a língua de sinais. Então a oportunidade surgiu com a proposta de estudar a variação linguística presente na Língua Brasileira de Sinais.

No convívio com alunos surdos, em sala de aula, nos cursos de formação e atuação profissional, tínhamos surdos de várias regiões do Brasil e até mesmo dentro do próprio Estado paranaense, no qual resido, em que pude observar que há variação nos sinais.

O principal questionamento se deu pelo fato de que determinados sinais são realizados de certa forma no Estado do Paraná e em outros Estados apresentarem diferença, inclusive, em cidades próximas dentro do mesmo Estado.

Segundo Costa (1996), a língua de sinais não é estática e acompanha as variações regionais, depende do surdo usuário, como este adquiriu a língua, se com pares surdos ou ouvintes, a depender da faixa etária, origem familiar.

Nem sempre a informação é transmitida de forma oral e escrita, há pessoas que não utilizam dessas modalidades. Então, a utilização de imagens, gestos e sinais são essenciais para que se estabeleça um diálogo eficiente com o público surdo, foco de nosso trabalho, que compreende que as pessoas surdas possuem canal visual espacial e se faz necessária uma comunicação diferenciada.

Para os surdos, a comunicação ocorre por sinais com o uso das mãos, expressões faciais e corporais, é o diálogo ativo das pessoas surdas, já que não possuem canal auditivo. Os sinais compreendem um sistema linguístico de natureza visual-motora; a língua de sinais possui estrutura e gramática própria. Conforme já destacado, há diferença de sinais a depender da região, até mesmo dentro do próprio Estado, pois, assim como em línguas orais, percebemos os diversos sotaques que temos em cada região, também em línguas sinalizadas ocorre essa variação. Deste modo, compreendemos que o ser humano desenvolve uma língua, seja ela na modalidade oral ou sinalizada, da mesma forma que as línguas orais possuem gramática, regras específicas próprias, temos nas línguas gestuais/sinalizadas uma estrutura linguística particular.

De acordo com Karnopp (2006), a língua sempre despertou interesse e discussões entre as pessoas, em relação ao uso e à forma como ela é empregada pelos indivíduos, tempos e lugares. As pessoas, em geral, fazem comentários e observações sobre o ‘sotaque’ e as ‘palavras diferentes’ utilizadas em várias regiões.

Diante disso, como ponto de partida, o objetivo geral desta pesquisa consiste em comparar duas regiões do Estado do Paraná, Sudeste e Oeste, para verificar se há variações linguísticas no uso da Libras. Os objetivos específicos consistem em: (1) fazer um levantamento dos sinais utilizados na região Sudeste e Oeste; (2) comparar os sinais encontrados na região Sudeste e Oeste; (3) elencar as semelhanças e diferenças, por meio de exemplos, dos sinais encontrados nas duas regiões analisadas; (4) analisar comparativamente os sinais encontrados, com base na literatura adotada na pesquisa.

Surgiu, no decorrer da pesquisa, a seguinte inquietação quanto às alterações: Por que elas ocorrem? Quais são os processos que levam à mudança? Como ocorre a comunicação entre os pares surdos de vários locais? No entanto, essa “diferença” não impossibilita que as pessoas possam se comunicar. Assim, a comunicação com as pessoas surdas também é possível, mesmo que os sinais apresentem variações, eles permitem o entendimento e o diálogo. Percebe-se, portanto, que sinais são usados de forma diferenciada nas regiões dentro do Estado paranaense e dessa forma possibilitam essa diversidade linguística.

Para o desenvolvimento deste estudo descritivo e comparativo, foram utilizados procedimentos metodológicos precisos na obtenção de respostas aos questionamentos e aos objetivos propostos inicialmente. Desse modo, a pesquisa científica propõem investigar para solucionar, responder ou aprofundar sobre uma indagação no estudo de um fenômeno e se apresenta em várias modalidades, entre elas, a pesquisa bibliográfica.

De acordo Marconi e Lakatos (2003, p. 158);

A pesquisa bibliográfica é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema. O estudo da literatura pertinente pode ajudar a planificação do trabalho, evitar publicações e certos erros, e representa uma fonte indispensável de informações, podendo até orientar as indagações.

Fomos em busca de leituras, reflexões e escrita sobre o tema das variações linguísticas, dedicamo-nos ao estudo para reconstruir a teoria e aprimorar os fundamentos teóricos propostos. A base da pesquisa bibliográfica consultada foram livros, apostilas, teses, artigos e outros documentos publicados que contribuíram na investigação do problema proposto. Ainda conforme Marconi e Lakatos (2003, p. 1823), “[...] a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”.

A pesquisa se desenvolveu com base em dados disponíveis catalogados de outros pesquisadores, com materiais disponíveis em livros da região Sudeste e no site do CAS<sup>1</sup> regional Oeste do Paraná. Portanto, analisamos os materiais disponíveis e discutimos as principais variações encontradas trazendo exemplos das variantes selecionadas, para poder discutir, em forma de dados, os parâmetros que influenciam na variação dos sinais.

Percebemos que existem diferenças que podem ser resultantes de costumes ou culturas locais. As variações linguísticas na Libras compreendem uma área de estudos que está em crescimento ainda no nível acadêmico de pesquisas. Assim, pretendemos dar mais contribuição e referências para trabalhos futuros.

A pesquisa será fundamentada na teoria dos estudos linguísticos e na sociolinguística variacionista, que tem como pioneiro o pesquisador William Labov (2008), o qual “[...] percebe a língua como heterogênea e dinâmica e assim produz variações, levando em conta os fatores sociais apresentados pela comunidade falante” (DANTAS, 2018, p. 88).

As variações acontecem e são características importantes das línguas. Conforme apontado por Souza *et al.* (2016, p. 24-25),

Dentro desse extenso universo, há também variações que não são decorrentes do uso individual da língua, mas sim de outros fatores, a saber: geográficos (os falares dialetos), sociais (as gírias), profissionais (as linguagens técnicas), situacionais. Falar e escrever também implicam profundas diferenças na elaboração de mensagens. As variações chegam a tal ponto que acabaram surgindo duas modalidades distintas para o uso da língua, cada qual com as suas especificidades: a língua falada e a língua escrita.

Diante disso, compreendemos que as diferenças que encontramos nas línguas e na sociedade são caracterizadas por vários elementos: sociais, econômicos, políticos e culturais; e que a necessidade de comunicação acompanha o ser humano desde o seu nascimento e, com o passar do tempo, promove maior interação com seus semelhantes.

Do mesmo modo como nas línguas orais, a Libras possui especificidades e características gramaticais próprias de uma língua sinalizada, portanto, partimos do pressuposto

---

<sup>1</sup> O Centro de Apoio ao Surdo e aos Profissionais da Educação de Surdos - CAS terá como funções orientar quanto aos serviços de apoio pedagógico complementar e suplementar no Atendimento Educacional Especializado aos estudantes surdos e ofertar formação continuada aos profissionais da educação de surdos. à inclusão social e educacional da comunidade surda, a orientação quanto aos serviços de apoio pedagógicos complementares e suplementares no Atendimento Educacional Especializado aos estudantes surdos e a oferta de formação inicial e continuada aos profissionais da educação de surdos. São instituições mantidas e subordinadas à Secretaria de Estado da Educação do Paraná, por meio dos Núcleos Regionais de Educação onde estão sediados, vinculado diretamente a Departamento de Educação Especial. A disseminação da política de inclusão vigente e a valorização da diversidade linguística dos estudantes surdos no Estado do Paraná, difundido o uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras para familiares e comunidade em geral e promovendo a formação continuada de profissionais da educação de surdos do Paraná (CAS/PR, 2019).



de que essa possui variações nos sinais, como nas línguas orais, pois cada região apresenta uma história, um contexto, uma colonização e geografia próprias. Dentro das línguas sinalizadas, também encontramos as “[...] variações de forma natural, pois quando seus usuários entram em contato com outras formas de sinalização, fazem com que o repertório de sinais fique mais diversificado” (MACHADO; WEININGER, 2018, p. 54).

Conforme Silva (2012), a história dos seres humanos é construída por fases da vida, marcadas sobretudo pela infância e vida adulta, condição social, grau de escolaridade, fatores econômicos e sociais. Todos esses aspectos influenciam no uso da língua, nas diversas formas de falar ou sinalizar. Os aprendizados adquiridos durante essas fases são fundamentais para a constituição de nossa identidade, valores e cultura, ou seja, à medida que aprendemos as variações, estamos nos apropriando das vivências através do contar os fatos como forma de capturar e interpretar nossa história.

Ao estudar a educação especial, focando principalmente na surdez, é necessário compreender as especificidades do público surdo, entender que eles podem contar e compartilhar suas experiências desde que tenham as oportunidades adequadas para que isso aconteça. Assim, a partir do desenvolvimento desta investigação será possível responder as nossas indagações: Os sinais são semelhantes nas regiões selecionadas? Quais são os parâmetros que os diferem? Dentre as variações linguísticas na Libras encontradas selecionamos algumas apenas, em virtude de serem inúmeras as variantes, e buscaremos aprofundar o conhecimento sobre elas.

Conforme menciona Karnopp (2006), ao adquirir as línguas de sinais, estamos tratando também das relações entre linguagem e sociedade, pois a linguística, ao estudar qualquer comunidade que usa uma língua, constata, de imediato, a existência de diversidade ou variação.

É importante ressaltar que, ao aprender línguas, a linguagem também acompanha a língua em si, pois uma se refere aos códigos e outra às manifestações dos seres humanos. Geralmente, na comunicação entre pessoas, a linguagem é a manifestação humana, por meio dos sentimentos, expressões, fala etc.

A língua compreende um conjunto de signos, relaciona-se com a escrita, constitui alfabetos, possui regras específicas e, como vimos, não se limita à materialidade verbal, constitui signos também através de gestos. Por isso, é necessário compreender a diferença entre língua e linguagem, pois por mais que pareçam semelhantes, cada uma apresenta uma característica distinta, e apesar de serem conceitos muito próximos, a linguagem está relacionada à capacidade de uso da comunicação, sendo a língua um dos fenômenos que aponta uma das realizações dessa capacidade (PEDROSA, 2009).

A língua, com suas diversas formas e variações, compreende uma organização viva, dinâmica, e a forma de comunicação com seus semelhantes é usada para trocar informações, transmitir ideias e conceitos. A linguagem, por sua vez, está presente no sujeito, até mesmo quando não há comunicação com outras pessoas, ela é parte integrante do indivíduo, mostrando como esse pode perceber o mundo e a si mesmo. Juntamente com a língua verbal, a linguagem está presente na comunicação visual (na fotografia, no cinema, na pintura), além das imagens utilizadas no dia a dia, como nos sinais de trânsito, cartazes e placas indicativas, e na linguagem gestual.

A ligação do ser humano com a língua e com os aspectos sociais a ela inerentes é visível, pois, desde que o falante nasce, uma variedade de signos linguísticos chega até ele através das pessoas que o cercam, da cultura que o circunda e das relações que estabelece em seus contatos sociais.

Segundo dados do Iphan<sup>2</sup> (2015), as estimativas dão conta de que mais de 250 línguas são faladas no Brasil, entre elas, línguas indígenas, línguas de imigração, de sinais, línguas crioulas, afro brasileiras e o português. Isso proporciona ao nosso país uma vasta diversidade linguística e cultural. No entanto, muitas vezes o patrimônio cultural linguístico brasileiro é desconhecido por grande parte da população, que conhece o Brasil como um país monolíngue, ou seja, um país onde há apenas uma língua, o português.

Sendo assim, precisamos valorizar, reconhecer e destacar a diversidade linguística existente, bem como produzir dados e registros, materiais e documentação sobre as línguas existentes, contribuindo à salvaguarda da língua e na preservação dos direitos linguísticos.

Diante disso, a discussão presente nesta dissertação é em relação às variantes encontradas nas duas regiões anteriormente especificadas. Para referenciar a língua de sinais estudada, será usada a sigla Libras como forma de padronização da escrita, cujo uso será discutido em capítulo específico mais adiante.

A presente dissertação está dividida em quatro capítulos.

No capítulo I apresentamos uma breve história do surgimento das línguas de sinais e da Libras no Brasil, as fases que foram vivenciadas pelos surdos durante o processo de desenvolvimento da língua, o *status* de reconhecimento através da lei e a gramática que norteia as línguas sinalizadas com exemplos que facilitam a compreensão.

---

<sup>2</sup> O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) é uma autarquia federal vinculada ao Ministério do Turismo que responde pela preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro. Cabe ao Iphan proteger e promover os bens culturais do País, assegurando sua permanência e usufruto para as gerações presentes e futuras. O Iphan possui 27 Superintendências (uma em cada Unidade Federativa); 37 Escritórios Técnicos, a maioria deles localizados em cidades que são conjuntos urbanos tombados, as chamadas Cidades Históricas (BRASIL, 2020).

No capítulo II, trazemos conceitos da sociolinguística, pois essa ciência dialoga na fronteira entre língua e sociedade, focando nos usos linguísticos efetivos. Recorremos à sociolinguística a fim de discutir a variação linguística em língua sinalizada, foco desta pesquisa, a língua da comunidade surda, especificamente, a Libras, por compor o quadro linguístico brasileiro. Embora a Libras seja a comunicação oficial dos surdos no Brasil, constatamos que existem sinais que variam conforme a região, idade, gênero, além de outros fatores sociais e econômicos que causam transformações na língua.

No capítulo III, apresentamos os procedimentos metodológicos, espaço no qual discutimos sobre o tipo de pesquisa, os recursos utilizados na coleta de dados e a metodologia adotada para análise, os desafios enfrentados, na realização da pesquisa e a motivação para desenvolver a dissertação.

No capítulo IV, encontram-se a análise e as discussões dos dados. Os dados obtidos no estudo são apresentados com imagens sinalizadas pela própria autora, em seguida, os sinais são analisados quanto aos parâmetros que norteiam a língua e fundamentados na sociolinguística, empreendendo uma discussão em relação ao que se avançou sobre o tema.

Nas considerações finais, apresentamos as principais reflexões a respeito do nosso estudo, com as quais pretendemos contribuir com outros pesquisadores, além de difundir a propagação das variações linguísticas na língua sinalizada. Todavia, não é uma pesquisa que se finaliza aqui, mas, sim, que abre caminhos para a continuação dos estudos futuros, os quais daremos sequência em breve.

## **CAPÍTULO I – LIBRAS – A HISTÓRIA DE UMA LÍNGUA**

Neste capítulo, daremos ênfase ao surgimento das línguas de sinais, da Libras e às fases linguísticas que foram vivenciadas pelos surdos, para que possamos entender melhor a realidade atual no que se refere à estrutura da língua e suas variações.

A língua de sinais é uma língua de modalidade gestual-visual, que utiliza a comunicação por meio de movimentos realizados com as mãos/sinalizadas e o uso de expressões faciais, percebidas através da visão. Libras corresponde à sigla de Língua Brasileira de Sinais, um conjunto de sinais utilizados pelos surdos brasileiros para a comunicação entre eles e pessoas que utilizam a língua, podendo ser surdas ou ouvintes.

Entendemos que a História é uma ciência que estuda os homens situados no tempo, olhando do presente para o passado, assim buscamos compreender as transformações ocorridas no âmbito social, linguístico, em relação às leis (STROBEL, 2009). Afinal, passado, presente e futuro fazem parte de nossa vida diretamente, pois o passado ajuda a compreender o presente e a organizar o futuro. Deste modo, faz-se necessário apresentar um recorte da história da Libras em nosso país, compreendendo sua importância na atualidade, bem como as influências que teve.

### **1.1 EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS DE SURDOS/INÍCIO DAS LÍNGUAS DE SINAIS**

Situando o histórico das línguas de sinais, compreendendo a relação entre educação-língua-sociedade, ntendemos que a língua sinalizada está vinculada à história da educação de surdos e seu início ocorreu na França, durante o período do Iluminismo. Conforme os estudos de Fernandes (2018), há três marcos históricos na educação dos surdos: o primeiro, em 1770, é marcado pelo monolinguismo até os resquícios ao bilinguismo; O segundo, em 1880, com a medicalização da surdez, cujo marco foi o Congresso de Milão; e o terceiro período, em 1990, com a valorização das línguas de sinais.

De 1770 até por volta de 1880, o modelo de comunicação era baseado em gestualismo e oralismo, uma corrente monolíngue e outra bilíngue. Durante esse período, a vida dos surdos foi marcada por longos anos de negativismo e exclusão. As pessoas surdas foram discriminadas, consideradas seres desqualificados, que não tinham possibilidade de se desenvolver em sociedade, com efeito, foram impedidas de frequentar escolas, além de terem seus direitos civis negados. Como relata Fernandes (2018, p. 22), durante a fase do monolinguismo: “A surdez

era caracterizada como falta de inteligência, incapacidade, assim a pessoa surda foi privada de acesso à instrução (leitura, escrita e cálculo) e a comunicação por gestos era tolerada na ausência de diálogo”.

O período do monolinguismo foi marcado por grande exclusão no uso das línguas sinalizadas. Os primeiros educadores de surdos, nesse tempo, foram pessoas ouvintes e que muito pouco ou nada tinham de conhecimento a respeito da língua sinalizada. O pioneiro a efetuar registros de experiências educacionais com surdos foi Charles Michel L'Épée. De acordo com Fernandes (2018, p. 23), ele criou

[...] o *método gestualista*, defendendo a ideia de mímica como constituição da linguagem natural dos ‘surdos mudos’. A primeira experiência de ensino de surdos ao usarem a ‘língua materna’ foi através da combinação que L'Épée usava, por meio do alfabeto datilológico e os sinais que aprendeu com surdos marginalizados pelas ruas de Paris, para ensinar leitura e escrita.

Por não haver um desenvolvimento essencial de comunicação, o método gestualista<sup>3</sup> e a visão clínica da surdez acabaram influenciando os surdos da Europa na luta pelo surgimento das primeiras escolas, por volta de 1879. Um ano mais tarde, em 1880, influenciados pela medicalização da surdez, os surdos eram vistos como doentes por não usarem a fala, resultando assim no Congresso de Milão, que teve por objetivos extinguir a língua de sinais usada até então, e implantar a metodologia oralista. A política linguística respeitada daí em diante era o monolinguismo na língua oralizada de cada país. As salas de aula se transformaram em salas de tratamento, no atendimento a terapias de fala. Acreditava-se, na época, que o domínio da língua oral era condição determinante aos surdos para que fossem inseridos na sociedade (STREIECHEN, 2013).

A partir de então, os surdos eram vistos através da concepção clínica terapêutica, era dado enfoque à “orelha” do surdo e não ao sujeito, pois acreditavam que o desenvolvimento cognitivo, causado pela surdez, poderia ser tratado com treinamento auditivo. Essa metodologia foi adotada por cerca de cem anos, excluindo surdos do convívio social, da participação em debates e discussões sobre o processo educacional. Foi a mais longa e sofrida batalha do povo surdo para a defesa de seu direito linguístico no uso da sua língua materna, a língua de sinais (FERNANDES, 2018).

Com a negação dos direitos às pessoas surdas, as consequências visíveis foram o analfabetismo, os surdos não desenvolveram a fala, somente a repetição de palavras de forma

---

<sup>3</sup> Esse método declarava que os surdos tinham sua linguagem própria, linguagem dos gestos, e a educação deveria se apoiar nela.

mecânica, sem saber qual o seu significado. O oralismo, portanto, causou enormes consequências negativas na vida dos surdos daquela época.

## 1.2 COMUNICAÇÃO TOTAL

Visto que o oralismo não deu certo, entra em vigor a filosofia da Comunicação Total, concebida por uma mãe de uma jovem surda, na década de 1940, nos Estados Unidos, onde era permitido toda e qualquer forma de comunicação, pelas línguas de sinais, gestos, oralidade, mímica (RAMOS, 2001). Esse método prega a prática do bimodalismo – uso da língua de sinais e língua oral –, trazendo impacto à estrutura gramatical das duas línguas quando “misturadas” (FERNANDES, 2018. p. 27).

A Comunicação Total, em sua prática pedagógica, prega o desenvolvimento da fala mediante uma atividade com repetição ritmada, os restos auditivos que os surdos possuem são usados juntamente com o treinamento do som como estímulo ao uso de aparelhos auditivos individuais ou sistemas de amplificação. Nesse processo, o uso da fala passa a ser difundido, mediante treino rítmico corporal e articulação ritmada.

Essa visão da Comunicação Total, segundo Segala (2010, p. 22), é condição de:

Uma mistura de muitos instrumentos linguísticos, produziu um problema na tradução: a mistura de duas línguas, no caso do Brasil, a Língua Portuguesa e a Língua de Sinais, termo conhecido por Português Sinalizado. O Português Sinalizado prevê a tradução de cada palavra em um sinal, seguindo as ordens frasais da Língua Portuguesa e não da Libras, fato que deixa os surdos muito insatisfeitos, pois dificulta em muito a compreensão textual. Essa modalidade ainda é observada nas traduções mais atuais, talvez em função da intermodalidade.

Com os direitos negados, os surdos se organizaram e iniciaram um processo de luta por seus direitos, discussões contra a discriminação de gênero, direito linguístico, e, a partir da década de 1970, conforme Fernandes (2018), uma luta pelos direitos de aprendizado, em que teve início a incorporação da língua sinalizada no ensino de surdos.

Somente a partir dos anos 1990, de fato, deu-se o terceiro marco histórico da educação de surdos, momento esse marcado pelos movimentos voltados à inclusão, os quais tomam espaço e seguem tendências mundiais na ampliação da legislação dos direitos humanos dos grupos em situação de exclusão e fragilidade, incluindo, nesse contexto, a Libras em nível nacional. Para Fernandes (2018, p. 27):

Estudos Surdos em Educação se constituem como programas de pesquisas, denunciando todas as formas de opressão sofridas pela comunidade surda por mais de um século instituindo as bases da cultura e impulsionando as políticas educacionais bilíngues. [...] em um processo educacional considerado ideal, crianças aprenderiam Libras como primeira língua, havendo professores surdos e ouvintes fluentes na sinalização e o português ensinado como modalidade escrita como segunda língua.

Diante disso, o processo desenvolvido nas lutas dos surdos daria início à educação voltada ao letramento bilíngue, o uso da língua de sinais, a língua oficial de seu país de origem, a modalidade escrita, e a interação social em que as experiências comunicacionais pudessem ocorrer de maneira natural, também era possível encontrar políticas voltadas à educação bilíngue, resgate dos educadores que até então tinham sido excluídos do processo educacional.

### **1.3 EDUCAÇÃO BILÍNGUE**

O bilinguismo é um fenômeno que consiste na prática de uso de mais de uma língua. Compreende, portanto, uma situação social e cultural em comunidades ou grupos de fala, sendo paralelo ao desenvolvimento educacional, pois permite o aprendizado adicional de uma ou mais línguas como forma de comunicação. As crianças surdas brasileiras estão imersas no contexto bilíngue, o qual tem por meta o uso de duas línguas, a sinalizada e a língua portuguesa (oficial do país) na modalidade escrita e como língua adicional.

De acordo com Quadros (2019), há várias definições de bilinguismo, podendo ser aplicadas em diversos contextos, desde o uso da língua no dia a dia como forma de comunicação, até a fluência que o sujeito bilíngue apresenta, podendo apresentar maior facilidade na escrita ou sinalização (no caso dos surdos). Ainda na visão de Quadros (2019, p. 150),

Raramente as pessoas escolhem ser bilíngues. Elas são bilíngues porque crescem em contextos em que aquelas línguas são usadas pelas pessoas que convivem. É importante considerar as atitudes das pessoas diante desses diferentes bilíngues, atitudes que variam de acordo com quem fala ou sinaliza e quando fala ou sinaliza.

Com isso, compreendemos que os falantes possuem valores e atitudes em relação às línguas. Muitas vezes, em relação às línguas de sinais, as pessoas menosprezam os surdos, mesmo sendo um grupo menor dentro da sociedade, pois os ouvintes agem como se as línguas sinalizadas não se constituem como línguas verdadeiras, e, não raro, compreendem tal língua como apenas gestos vagos e universais.

Assim, a visão sobre o surdo passa a ser de um público “deficiente”, que não possui comunicação. Conforme especifica Quadros (2019, p. 152) “[...] a surdez é invisível, mas a língua de sinais é visível”. O português é uma língua utilizada em diferentes contextos, tal como a Libras também é uma língua e se apresenta da mesma maneira como as demais.

A educação bilíngue no Brasil foi estabelecida com a criação da Lei de Libras 10436/2002, Decreto de Regulamentação 5626/2005, Convenção do Direitos das Pessoas com Deficiência (2007/2011) e Plano Nacional de Educação (2014-2024), abrange a Libras e a Língua Portuguesa, e reconhece as diferenças entre ambas as línguas nas diferenças textuais, linguísticas, políticas e sociais das comunidades envolvidas (QUADROS, 2019).

Os surdos, na maioria das vezes, comunicam-se por meio da línguas de sinais. No ambiente educacional vai ocorrer um grande impacto, pois este espaço, a escola, nem sempre está preparado para atender esse público e oportunizar o seu bom desempenho. Geralmente, as escolas estão organizadas a partir do ensino do português, mas é preciso inserir a Libras em seu planejamento, visto que o objetivo das escolas é a inclusão e a educação bilíngue de fato.

A escola bilíngue, a partir da Libras, deve apresentar um ambiente linguístico que proporcione aos usuários a interação e o ensino, pois até mesmo em espaços informais precisa ocorrer a comunicação em língua de sinais para os surdos.

Para Quadros (2019, p. 160),

A Libras é fácil para os surdos, é a língua leve, a língua de trocar e obter informações, de aprender, precisa ser usada para ensinar e interagir no espaço escolar, por ser a língua em que a interação linguística acontece. Por outro lado, a Língua Portuguesa é a língua que vai exigir mais esforço por parte dos alunos surdos por requerer instrução formal. Ela também pode se tornar a língua de interação, mas não no mesmo nível dos sinais. O português além de ser uma segunda língua, é uma segunda modalidade, ou seja, não se apresenta visual-espacialmente, como as línguas de sinais.

Portanto, conforme Quadros, concordamos que assim como os ouvintes nascem e logo adquirem a língua portuguesa, os surdos, ao entrarem em contato e serem estimulados na língua de sinais, vão adquiri-la de forma espontânea, passando a se comunicar de maneira natural.

#### **1.4 LÍNGUAS DE SINAIS E A LIBRAS**

Ao estudarmos as línguas de sinais, precisamos compreender as diferenças que apresentam. Quando usado o termo língua de sinais, estamos evidenciando as línguas sinalizadas no geral, ao estudar a Libras, estamos especificando que se trata de uma língua



própria do Brasil – Língua Brasileira de Sinais, ou Língua de Sinais Brasileira –, termo que será melhor especificado adiante.

As línguas de sinais, por sua vez, compreendem as línguas naturais de comunidades surdas. Apresentam, como outras línguas, estrutura e gramática próprias, e não são línguas universais, pois cada país tem sua própria língua sinalizada. De natureza visual espacial, são realizadas no espaço, por meio do uso das mãos, do corpo, dos movimentos e do espaço onde a sinalização vai ocorrer.

Para chegar ao nível de desenvolvimento da língua sinalizada atualmente usada em nosso país, a Libras, vários foram os acontecimentos e processos que ocorreram desde a chegada dos primeiros educadores até as lutas vivenciadas pelos surdos, os quais vamos descrever brevemente em seguida.

Retornando à história, em 1855 chegava ao Brasil o professor surdo Eduardo Huet, com experiência de mestrado e cursos em Paris, que viera ao nosso país a convite do imperador D. Pedro II, e sua principal intenção era criar uma escola para os surdos (STROBEL, 2009).

Assim, a primeira escola de surdos do Brasil foi criada no Estado do Rio de Janeiro, em 1857, conhecida como “Imperial Instituto dos Surdos-Mudos”, atualmente “Instituto Nacional de Educação de Surdos” (INES), criado em consistência da Lei nº 939, no dia 26 de setembro. Contudo, foi nessa escola que ocorreu a mistura das línguas de sinais e a língua francesa com os sinais já usados pelos surdos de várias regiões do Brasil (STROBEL, 2009).

No ano de 1875, vale destacar que Flausino José da Gama, ex-aluno do INES, aos 18 anos, publicou “Iconografia dos Signaes dos Surdos-Mudos”, sendo o primeiro dicionário de língua de sinais criado no Brasil (STROBEL, 2009).

Após a criação da escola de surdos no Brasil, vários foram os momentos vivenciados, entre altos e baixos, desde a proibição do uso da língua de sinais, em 1880, até as conquistas da criação de movimentos em benefício do uso da língua, instituições de apoio aos surdos, além dos primeiros registros da língua usada. Oficialmente, a língua de sinais utilizada pelos surdos brasileiros passou a ser reconhecida mais tardiamente, mesmo sendo utilizada pelos seus usuários.

Somente no ano de 2002 a Libras passou a ser reconhecida perante a lei como língua oficial no Brasil para os surdos, assumindo uma situação linguística diferenciada em todo território nacional. Segundo Fernandes (2018, p. 34):

A Lei da Libras, nome dado à Lei nº 10436/2002 aponta avanços no estatuto político na vida das pessoas surdas brasileiras. Reconhecida após a consideração da

comunidade dos falantes que fazem uso de uma língua própria, nacional e diferenciada da Língua Portuguesa (língua oficial do Brasil).

Entretanto, a Libras não pode substituir a Língua Portuguesa na modalidade escrita, pois:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002, p. 01).

Em 2005 foi publicado o Decreto nº 5626 que regulamenta a Lei da Libras e traz a distinção de surdo e surdez, compreendendo a surdez como consequência e surdo como a pessoa que tem ou apresenta a surdez, e que, assim, apresenta uma forma de comunicação por meio de sinais.

Art. 1º Este Decreto regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

Art. 2º Para os fins deste Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras.

Parágrafo único. Considera-se deficiência auditiva a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz (BRASIL, 2002, p. 03).

Para Quadros (2019, p. 28), além de trazer a compreensão de surdez e surdo, o Decreto n. 5626/2005 apresenta ações para a implementação da lei, em que se torna necessário um planejamento linguístico, tendo por ações a

Formação de profissionais da área de Libras (professores, tradutores e intérpretes), educação bilíngue para surdos, prevendo a aquisição da Libras e seu ensino como L1 e L2 ensino de língua portuguesa. Garantia de acesso dos surdos em diferentes espaços sociais e uso de sua própria língua.

Com a criação da Lei de Libras, fica esclarecido que se trata de um sistema linguístico com estrutura gramatical própria, um idioma, uma língua natural e autônoma, diferenciando-se da gramática da Língua Portuguesa (FERNANDES, 2018). Assim, a disciplina de Libras é

inserida nos cursos de formação de professores nas universidades brasileiras após o Decreto de 2005, e torna visível a todos os profissionais que podem ter alunos surdos durante a sua atuação no ambiente escolar:

Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

§ 1º Todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério (BRASIL, 2002, p. 03).

Ainda, pode-se apontar outros incrementos diante do planejamento linguístico para a Libras que vem ocorrendo desde 2005, após o reconhecimento da língua, em que benefícios são acrescentados ou adaptados conforme as necessidades que são apontadas. Essa reformulação foi elaborada por uma equipe de profissionais capacitados na área, em que Quadros (2019, p. 29) apresenta em seu livro:

Os tradutores de Libras passam a atuar na produção de materiais em língua de sinais. Os professores de Libras têm a formação e atuação no ensino de Libras para alunos surdos L1 e alunos ouvintes L2, assim os alunos passam a contar com professores bilíngues garantindo acesso à educação básica, a Libras passa a ser divulgada nas mídias sociais.

Além da Libras, no Brasil, ainda há registros de outras línguas de sinais, dentre as demais, temos a língua de sinais indígena Urubu Ka'apor e a língua de sinais Cena (usadas por mais surdos e catalogadas em pesquisas), além de outras línguas isoladas, tidas em áreas rurais distantes e vilas.

A língua de sinais Cena está presente na região de Jaicós, Piauí, e é conhecida por ser uma língua emergente, ou seja, uma língua que está em uso ou posta em prática e não há uma denominação, um reconhecimento, apenas algumas pesquisas são desenvolvidas sobre ela e o uso se restringe à comunidade local. Em relação à origem da Cena, Almeida-Silva e Newins (2020, p. 1030) afirmam que,

A língua surgiu na década de 50 com o nascimento da primeira surda da comunidade em 1949, que hoje tem 71 anos de idade. A Cena se encaixa no rol das línguas minoritárias, pois é utilizada com diferentes graus de frequência por uma comunidade de 33 surdos, dentro de um universo de mais ou menos 900 habitantes. A língua que

começou a se desenvolver na década de 50 pode estar agora ameaçada pela ausência de novas gerações falantes de Cena.

Pereira (2013, p. 67) esclarece que,

Cena é o nome dessa linguagem que faz uso do gesto visualidade, do corpo e das expressões faciais para a produção da comunicação. Cena é a “língua de sinais” em uso. “Os mudos fazem cena”, bem como “os falantes fazem cena” entre si e com os mudos<sup>4</sup>.

Assim, percebemos que há boa interação entre os surdos usuários da Cena, pois ouvintes e surdos conseguem manter uma boa comunicação e interação. Pelo fato de a comunidade manter-se isolada, em área rural e com poucos habitantes, o contato se torna possível e a língua se difunde entre os habitantes. Para além, muitos estudos estão sendo realizados, materiais coletados e registrados em relação à língua sinalizada Cena, a fim de que se torne mais conhecida e haja interação desses surdos com os demais no restante do Brasil.

Já a língua Urubu Ka’apor, é a língua de sinais utilizada pelos povos indígenas Kaapor (povo da mata), situados no território Amazônico no norte do Maranhão, de classificação linguística da família Tupi, Tupi-Guarani e Waiãpi. Os indígenas dessa comunidade utilizam a língua de sinais dos índios surdos, uma língua ainda pouco estudada, a qual difere da Libras. Esta comunidade possui alto índice de surdez (de setenta índios que nascem, um é surdo) e, como consequência, foi adaptada uma língua sinalizada para a comunicação de todos os habitantes da aldeia (GOMES, 2020).

Conforme Costa *et al.* (2021, p. 25), a língua de sinais Ka’apor é uma língua intra-tribal<sup>5</sup>, formada por quatorze consoantes e seis vogais. A etimologia da nomenclatura Ka’apor (Urubus-Ka’apor, ka’apor) pode significar “pegadas na mata” ou ainda “moradores da mata”. Existem ainda outros estudos que estão desenvolvidos em várias comunidades indígenas em nosso país.

Os estudos indígenas surdos brasileiros se concentraram nas comunidades indígenas Urubus Ka’apor no Maranhão, Sataré-Mawé no Amazonas, Terena no Mato Grosso do Sul e São Paulo, Jaguapiru, Guarani-Kaiowá, Bororó entre outras no Mato Grosso do Sul, Kaingang em Santa Catarina, Paiter Suruí em Rondônia, Pataxó na Bahia, Cena no Piauí, Acenos no Acre entre outras que vem surgindo e estão sendo documentadas. Os estudos linguístico-culturais indígenas tendenciam ao plurilinguismo, mestiçagem, hibridismo, cosmovisão, pajelança, misticismo tribal, multiculturalismo e nativismo, as quais têm sido características marcantes para o surgimento dessas línguas de sinais indígenas e são fenômenos linguísticos que acontecem em qualquer língua. (COSTA *et al.* 2021, p. 31)

<sup>4</sup> Termo usado pela comunidade para se referir aos surdos.

<sup>5</sup> Que ocorre ou se verifica entre tribos ou entre sociedades tribais (relações inter tribais).

Salientamos que os dados descritos contribuem para os estudos em línguas indígenas sinalizadas, são poucos os trabalhos na área, mas temos fontes que podem nortear futuras pesquisas e um mapeamento mais diagnóstico. Assim, as informações obtidas contribuem para a área dos estudos interculturais com dados das línguas de sinais das terras indígenas brasileiras.

### 1.5 LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS OU LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA?

Outro ponto de discussão em relação à língua de sinais no Brasil é quanto à nomenclatura a ser utilizada, pois há vários pesquisadores que tratam dessa diferença e posicionamento. Não há certo ou errado, porém, alguns autores ou pesquisadores associam as lutas vividas para se posicionar e se explicar quanto à escolha do termo.

Perante a lei, a Libras é reconhecida como Língua Brasileira de Sinais (BRASIL, 2002/2005), já para alguns autores, o termo usado é Língua de Sinais Brasileira (STUMPF (2002); PERLIN (2003); QUADROS; KARNOPP, (2004); QUADROS; SUTTON SPENCE (2006); CAPOVILLA; RAPHAEL (2001; 2006), QUADROS; PERLIN (2007), QUADROS (2008); QUADROS; STUMPF (2009b), CAPOVILLA, RAPHAEL; MAURÍCIO (2013), CAPOVILLA et.al. (2017)<sup>6</sup>).

Alguns dos autores, no início, utilizavam a nomenclatura conforme a Lei. Atualmente, nos livros encontramos o posicionamento de Capovilla e Raphael *apud* Sasaki (2001), quanto ao uso do termo se referindo à língua e à Libras:

Língua define um povo. Linguagem, um indivíduo. Assim, do mesmo modo como o povo brasileiro é definido por uma língua ou idioma em comum, o Português (que o distingue dos povos de todos os países com os quais o nosso faz fronteira), a comunidade surda brasileira é definida por uma língua em comum, a Língua de Sinais Brasileira.

Em segundo lugar, o correto é “língua de sinais” porque se trata de uma língua viva e, portanto, a quantidade de sinais está em aberto, podendo ser acrescentados novos sinais. Quando se diz “língua dos sinais”, fica implícito que a quantidade de sinais já está fechada.

Em terceiro lugar, o nome correto é “Língua de Sinais Brasileira”, pois Língua Brasileira não existe. O termo “língua de sinais” constitui uma unidade vocabular, ou seja, funciona como se as três palavras (língua, de e sinais) fossem uma só. Então, adjetivamos cada “língua de sinais” existente no mundo. Língua de Sinais Brasileira, Língua de Sinais Americana, Língua de Sinais Mexicana, Língua de Sinais Francesa. Em quarto lugar, a sigla correta é “Libras” e não “LIBRAS”. Quando foi divulgado o uso da sigla “LIBRAS”, explicava-se esta sigla da seguinte forma: **LI de Língua,**

<sup>6</sup> Dados obtidos em Menezes, Ronny Diogenes de; Libras: uma reflexão a respeito do histórico de uso do termo. UFRN, 2017. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/44769>. Acesso em: 22 fev. 2022.

**BRA de Brasileira, e S de Sinais. Com a grafia “Libras”, a sigla significa: Li de Língua de Sinais, e Bras de Brasileira.** (p. 3-4, grifos nossos).

Com o passar dos tempos e mais estudos desenvolvidos, houve mudanças quanto ao uso do termo. Capovilla passa, a partir dos anos 2000, a adotar o termo Língua de Sinais Brasileira. Para ele:

Língua de Sinais é uma unidade, que se refere a uma modalidade linguística quiroarticulatória-visual e não oroarticulatória-auditiva. Assim, há Língua de Sinais Brasileira (porque é a Língua de Sinais desenvolvida e empregada pela comunidade surda brasileira, há Língua de Sinais Americana, Francesa, Inglesa, e assim por diante. Não existe uma Língua Brasileira (de sinais ou falada). Sei disso porque quando fazia uso destes termos TODOS os benditos redatores de revistas e jornais riscavam o Brasileira e trocavam pelo Portuguesa, produzindo um monstro conceitual de proporções e consequências desastrosas.... Além disso, a propósito, se traduzirmos American Sign Language obteremos Língua de Sinais Americana e não Língua Americana de Sinais. (CAPOVILLA, 2001<sup>7</sup>).

Com essas explicações não pretendemos impor o uso dos termos como “correto” ou “errado”, respeitamos posicionamentos, no entanto, mantemos uso da sigla Libras como forma de padronização no trabalho desenvolvido, porém, devemos valorizar a língua de sinais como a primeira língua da comunidade surda.

Como pesquisadora, acredito que o termo a ser utilizado e que valoriza ainda mais a cultura surda deve ser Língua de Sinais Brasileira, pois apresenta o surdo como protagonista de sua língua, língua que foi criação dos surdos usuários e não criada por ouvintes para que surdos a utilizassem. Ainda que a língua fosse oficializada por uma lei, os surdos já utilizavam a língua de sinais. O termo “brasileira” foi inserido para especificar que corresponde ao país Brasil, mas os sinais vieram muito antes desse termo ser incorporado.

## 1.6 STATUS DE LÍNGUA

Ao conferir às línguas de sinais o *status* de língua, entende-se que, embora de modalidade linguística diferente, as línguas sinalizadas possuem também especialidades em relação às diferenças regionais e socioculturais. No que se refere à estrutura gramatical, as línguas sinalizadas possuem estrutura própria. O que chamamos de palavras nas línguas orais,

---

<sup>7</sup> Disponível em:

[https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/saude/arquivos/deficiencia/Nomenclatura\\_na\\_area\\_d\\_a\\_surdez.pdf](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/saude/arquivos/deficiencia/Nomenclatura_na_area_d_a_surdez.pdf). Acesso em: 25 mai. 2022.

chamamos de sinais nas línguas sinalizadas. Salientamos que não podemos chamar ou confundir com gestos ou mímica, pois a língua sinalizada não possui estas características.

Na década de 1960, enquanto os olhares dos estudiosos estavam voltados para os fenômenos das línguas orais, William Stokoe começava os seus estudos acerca de uma língua ainda não estudada, pois o povo surdo viveu por muito tempo esquecido e à margem da sociedade. Nem sequer cogitavam ou falavam sobre a possibilidade de existir aspectos linguísticos dentro de uma língua sinalizada.

Stokoe, linguista escocês, viveu e trabalhou nos Estados Unidos. No ano de 1955 foi professor da *University Gallaudet*, e no início não tinha conhecimento da Língua de Sinais Americana (ASL), até mesmo surdos não consideravam os sinais como parte integrante da língua até que Stokoe percebesse a diferença existente entre a sinalização de seus alunos surdos e a língua usada durante as aulas de inglês que ele também lecionava. Atualmente, Willian Stokoe é conhecido como o pai da linguística da Língua de Sinais Americana (STREIECHEN, 2013).

Assim, foi o pioneiro nos estudos dos parâmetros fonológicos, elementos que compõem os sinais, o item lexical, sintático e na geração de sentenças, componentes esses que atendiam aos critérios para uma língua ser reconhecida. Ele inicialmente estudou a língua americana de sinais, a ASL, e propôs parâmetros que a constituíam. Primeiramente, ele apresentou os três parâmetros iniciais: configuração de mãos, movimento e ponto de articulação ou locação.

No Brasil, os estudos sobre os parâmetros linguísticos da Libras surgiram por volta da década de 1980, com a linguista Lucinda Ferreira Brito, que lançou o seu primeiro livro em 1990, intitulado *Por Uma Gramática de Língua de Sinais*. Tempos depois, as linguistas Ronice Müller de Quadros e Lodenir Becker Karnopp publicam o livro *Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos*, no início dos anos 2000.

Estudos decorrentes em línguas de sinais propostos por Brito (1980; 1995) incluem mais dois parâmetros na estrutura das línguas de sinais: as expressões não manuais e a orientação da palma da mão.

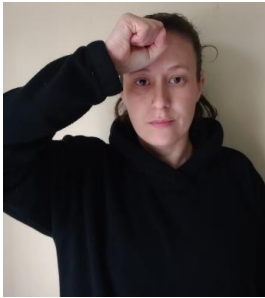
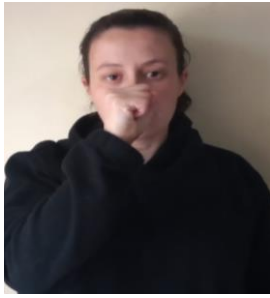
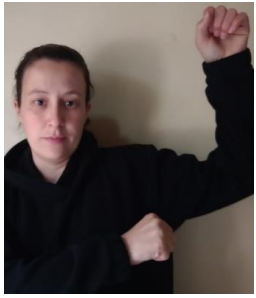
Nas línguas orais temos os pontos de articulação dos fonemas, na língua de sinais, esses pontos são expressados pelo toque no corpo do usuário da língua ou com sinais realizados no espaço neutro. Para a realização de um sinal na Libras, usamos cinco parâmetros, que são conhecidos também como articuladores da língua, pois são usadas as mãos e o corpo na realização dos sinais. Entre os parâmetros, estão: a configuração de mão, o ponto de articulação ou locação, o movimento, a orientação/direção da mão e as expressões faciais ou corporais (expressão não manual), os quais serão descritos nas próximas seções.

## 1.7 Configuração de mãos

A configuração de mãos compreende as formas como as mãos vão se portar diante da realização do sinal, o resultado e a posição dos dedos. As configurações podem ser realizadas pela mão dominante (mão direita para os destros, mão esquerda para os canhotos), ou até mesmo no uso das duas mãos, dependendo do sinal. Alguns sinais têm a mesma configuração de mão e são realizados em pontos diferentes no corpo.

Abaixo, os sinais aprender, sábado e desodorante spray.

Quadro 1 – Sinais de aprender, sábado e desodorante-spray.

APRENDER	SÁBADO	DESODORANTE SPRAY
 <p>CM: mão em “S” PA: testa M: mão abre e fecha</p>	 <p>CM: mão em “S” PA: em frente ao nariz M: mão abre e fecha</p>	 <p>CM: mão em “S” PA: embaixo ao braço M: abre e fecha a mão</p>


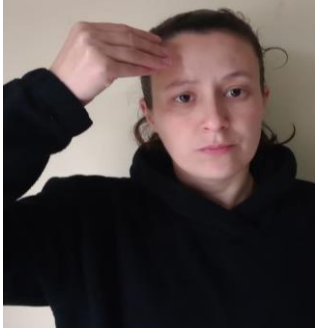
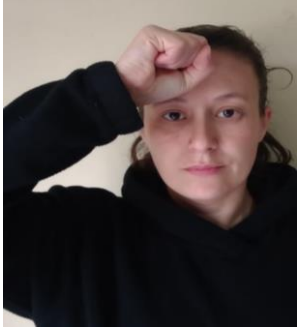
FONTE: Acervo da autora (2022)

### 1.7.1 Ponto ou local de articulação

O ponto de articulação ou local indica o lugar que o sinal pode ser realizado. Pode ser realizado em uma parte do corpo, no espaço neutro (lado direito, esquerdo, em frente ao corpo) ou em determinada parte do corpo, como nos exemplos abaixo.



Quadro 2 – Sinais realizados na testa, trabalhar, esquecer e aprender



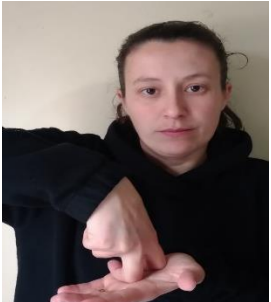
TRABALHAR	ESQUECER	APRENDER
 <p>CM: mão em L, palmas para baixo PA: espaço neutro em frente ao corpo MOV: para frente O: para frente e para trás</p>	 <p>CM: mão em C PA: tocando a testa MOV: passar pela testa e fechar os dedos ENM: sobrancelhas franzidas</p>	 <p>CM: mão em S PA: tocando a testa MOV: abre e fecha a mão ENM: não apresenta</p>

FONTE: Acervo da autora (2022)

### 1.7.2 Movimento

Alguns sinais apresentam movimento e outros não durante a sinalização. Os movimentos podem ser lineares, circulares, simultâneos ou alternados com ambas as mãos, e podem indicar para onde estão movimentando (para a frente, em direção à direita, à esquerda).

Quadro 3 – Sinais que apresentam movimento: sorrir, chorar. Sinal que não tem movimento: ajoelhar.

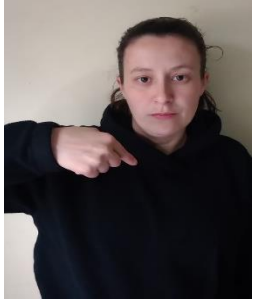
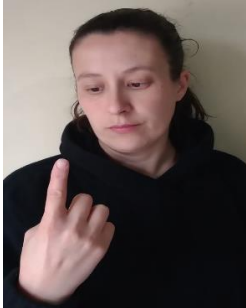
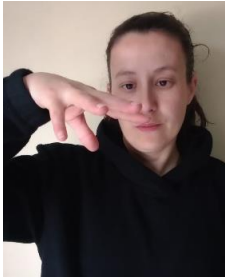
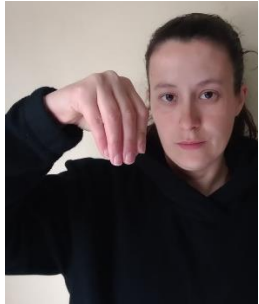
SORRIR – Tem movimento	CHORAR – Tem movimento	AJOELHAR – Não tem movimento
 <p>CM: mão em L, palma para dentro PA: queixo MOV: tremular os dedos ENM: rosto feliz/sorrir</p>	 <p>CM: mão em D, palma para dentro PA: tocando abaixo dos olhos MOV: zigue-zague para baixo O: para baixo ENM: rosto triste/olhar aborrecido</p>	 <p>CM: mão em 5, palma para baixo PA: tocando a palma da mão MOV: não apresenta O: para baixo ENM: não apresenta</p>

FONTE: Acervo da autora (2022)

### 1.7.3 Orientação/direcionalidade

A orientação e direcionalidade compreende a direção da palma da mão, como ela está orientada. Alguns sinais têm a mesma configuração, o mesmo ponto de articulação, o mesmo movimento, e diferem apenas na orientação da mão. A orientação da mão pode ser para cima, baixo, frente, esquerda ou direita, e até mesmo voltada para o corpo (STREIECHEN, 2013).

Quadro 4 – Sinais que apresentam direção: ir e vir; Sinais que apresentam orientação: acender e apagar.

IR – Sinal direcional	VIR – Sinal direcional	ACENDER (luz) – Sinal com orientação	APAGAR (luz) – Sinal com orientação
 <p>CM: mão em D, palma para dentro PA: em frente ao corpo MOV: dobrar o pulso para frente O: para frente ENM: não apresenta</p>	 <p>CM: mão em D PA: próximo ao ombro MOV: voltando para o corpo O: para o corpo ENM: não apresenta</p>	 <p>CM: mão aberta para baixo PA: espaço neutro MOV: abrir a mão O: para baixo ENM: não apresenta</p>	 <p>CM: mão fechada PA: espaço neutro MOV: fechar a mão O: para cima ENM: não apresenta</p>

FONTE: Acervo da autora (2022)

### 1.7.4 Expressão facial e/ou corporal

As expressões não manuais incluem o uso de expressões faciais, linguagem corporal, movimentos da cabeça e olhares. Demonstram sentimentos, emoções, alegria, tristeza. Durante uma conversação em Libras, diversos componentes não manuais são incorporados na sinalização para dar mais ênfase e esclarecimento à mensagem.

De acordo com Brito (1995, p. 40 - 42), os componentes manuais podem ser:

Parte superior: sobrancelhas franzidas, olhos arregalados, lance de olhos, sobrancelhas levantadas. Parte inferior: bochechas infladas, contraídas, lábios.  
Cabeça: movimento de assentimento, negação, inclinação para frente, para o lado, para trás.  
Rosto e cabeça: cabeça para frente, olhos cerrados, sobrancelhas franzidas, cabeça projetada para trás e olhos arregalados.  
Tronco: Para frente; para trás; balanceamento alternado (ou simultâneo) dos ombros.

Quadro 5 – Sinais que apresentam expressão facial e corporal: alegre, triste

ALEGRE	TRISTE
 <p>CM: mãos abertas palmas para dentro PA: tocando o tórax MOV: raspar O: para cima ENM: estar contente</p>	 <p>CM: mão em Y PA: no queixo MOV: não apresenta O: para baixo ENM: estar aborrecido</p>

FONTE: Acervo da autora (2022)

Com essas ações em pauta, houve um impacto sobre o *status* linguístico da Libras, rompendo barreiras, buscando valorização e reconhecimento como língua de sinais dos surdos brasileiros.

O contexto atual em que a Libras está inserida indica o quanto ela é influenciada pelo contexto social, político e cultural, “No Brasil, a Libras adquiriu *status* de língua oficial e de língua de instrução, utilizada em dois contextos escolares distintos: de escola inclusiva e da escola bilíngue”, em que a língua demanda exercer funções diversas, necessidades novas, expandindo capacidades expressivas e estilísticas do idioma (SEIDE, 2016, p. 48-49).

Assim foram anos de luta, tanto de ouvintes que apoiam os surdos quanto de surdos que lutaram por seus direitos até o reconhecimento de sua língua, seus direitos e cidadania. O meio social influenciou de maneira indispensável no desenvolvimento intelectual, ajudando a intermediar o aprendizado, reconhecendo a cultura dos surdos e respeitando suas lutas.

A Libras é, portanto, uma língua reconhecida pela linguística e se estrutura com todos os elementos pertencentes às línguas orais, gramática, semântica, pragmática, regras e estrutura própria, preenchendo os requisitos científicos que a reconhecem como instrumento linguístico.

Outro fator importante a ser destacado é que a Libras não tem origem nas línguas orais nem na Língua Portuguesa, é uma língua com características próprias, é uma língua visual espacial, pois tem por base as experiências visuais das comunidades surdas, por meio de interações culturais surdas, apresenta, então, uma sintaxe espacial, utilizando-se de expressões, emoções, apelos e sensações.

Também não é universal e apresenta variações de sinais entre grupos da mesma região. A Libras não é uma linguagem, e sim uma língua, pois com a sua oficialização, em 2002, foi reconhecida como língua de sinais.

Para tanto, precisamos entender a diferença entre língua e linguagem. Em seus estudos, Viotti (2008), com base em Saussure, apresenta essa diferença. Em relação à linguagem, ela destaca que:

Para Saussure, linguagem é uma faculdade humana, uma capacidade que os homens têm para produzir, desenvolver, compreender a língua e suas manifestações. [...] A linguagem é heterogênea e multifacetada: ela tem aspectos físicos, fisiológicos e psíquicos, e pertence tanto ao domínio individual quanto ao domínio social (VIOTTI, 2008, p. 15).

Assim, a linguagem é construída individualmente, a fim de comunicar suas ideias, sentimentos, sons, gestos, maneira de falar e interação com os demais. Como exemplo, podemos acenar para alguém, para dar tchau, e, mesmo que a pessoa não use a mesma língua, ela entenderá a mensagem, pois foi um código criado socialmente e convencionalmente, e que se estabeleceu entre os indivíduos. O conceito de língua, para Viotti (2008, p. 16), também conforme Saussure, tem a seguinte consideração: “[...] língua é um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias estabelecidas e adotadas por um grupo social [...] a língua é uma unidade por si só e norma para todas as demais manifestações da linguagem”.

Outra questão a ser discutida mostra a importância e o comprometimento que deve existir por parte dos usuários (surdos e ouvintes) com a língua de sinais quanto ao conhecimento aprofundado sobre a cultura surda, sua identidade, as especificidades dos alunos surdos. Pois quando não há respeito quanto a essas características, há um impedimento de comunicação e difusão da língua pelo profissional que adentrar nessa área.

Por outro lado, a grande maioria das pessoas acredita que as línguas de sinais são como mímicas, pelo fato de se usar as mãos fazendo referências próprias a objetos. Mas há grande diferença entre gestos e sinais, conforme aponta Forster (s.d, p. 05):

Ainda que alguns gestos sejam um tanto ou quanto imitativos (icônicos), isto não é aplicável a todos os gestos e, o mais importante, não basta imitar o movimento, a forma, ou qualquer outra propriedade de um objeto, para estar falando uma língua de sinais. Como nas línguas orais, os sinais são parte de um código, que, para ser eficaz, tem de ser compartilhado pela comunidade de falantes.

Também é fundamental em relação à língua de sinais o esclarecimento que muitas vezes as pessoas têm em torno do que seria uma mistura de pantomima e gesticulação, sendo impossível expressar conceitos, conforme apontamentos de Pereira (2010, p. 10):

O equívoco desta concepção é entender sinais como gestos. Na verdade, os sinais são palavras, apesar de não serem orais-auditivas. Os sinais são tão arbitrários quanto às palavras. A produção gestual na língua de sinais também acontece como observado nas línguas faladas. A diferença é que no caso dos sinais, os gestos também são visuais-espaciais tornando as fronteiras mais difíceis de serem estabelecidas. Os sinais das línguas de sinais podem expressar quaisquer ideias abstratas. Podemos falar sobre as emoções, os sentimentos, os conceitos em língua de sinais, assim como nas línguas faladas.

O entendimento e a mistura de que os sinais são gestos vem de uma concepção antiga ainda, pois os surdos sempre foram vistos pela sociedade como seres sem pensamento, pessoas que não poderiam se desenvolver em sociedade ou possuir língua própria.

Sobre o estatuto simbólico do gesto na Libras, alguns autores no Brasil concordam que uma sequência de gestos não constitui uma língua, porém, há o questionamento de até que ponto eles estão inseridos ou fazem parte da língua, conforme Correa (2007); Fedosse e Santana (2002); McCleary e Viotti (2011); Santana (2008), dentre outros.

Estudos propostos por McCleary e Viotti (2011) apresentam que há interdependência entre gesto e língua “[...] na construção da significação e das relações gramaticais, na coesão discursiva e na estruturação da narrativa, sugerindo que essa parceria está na base da gramática das línguas sinalizadas”, pois diferente das línguas orais, nas línguas sinalizadas o gesto está inserido na língua e compartilha o canal de produção, o que muitas vezes dificulta na separação do sinal do gesto.

Dentro das línguas sinalizadas o sinal é estruturado, possui gramática e um significado. Em contrapartida, nas línguas orais o gesto não influencia a forma de uma palavra, já na língua de sinais, pode configurar uma modalidade diferenciada. Segundo Correa (2007, p. 57), “[...] gestos e componentes linguísticos podem andar juntos como um recurso de complementaridade para estabelecer direcionalidade no espaço sinalizado e para inserir referentes ausentes no discurso sinalizado”.

Assim, na maioria das vezes gestos e língua sinalizada podem compartilhar do mesmo canal de produção: o visual, pois são usados de forma intencional na construção de significados, no entanto, os gestos não constituem gramática, apenas são usados como recurso de entonação durante a sinalização.

Outra concepção errônea se refere à língua de sinais como sistema de comunicação superficial, com conteúdo restrito, sendo estética, expressiva e linguisticamente inferior ao sistema de comunicação oral.

Como as línguas de sinais são tão complexas quanto às línguas de sinais faladas, esta afirmação não procede. Nós já vimos que as línguas de sinais podem ser utilizadas para as inúmeras funções identificadas na produção das línguas humanas. Você pode usar a língua de sinais para produzir um poema, uma estória, um conto, uma informação, um argumento. Você pode persuadir, criticar, aconselhar, entre tantas outras possibilidades que se apresentam ao se dispor de uma língua. Assim, a língua de sinais não é inferior a nenhuma outra língua, mas sim, tão linguisticamente reconhecida quanto qualquer outra língua (QUADROS; KARNOPP, 2004, *apud*, PEREIRA, 2010, p. 11).

Observamos, assim, que os mitos que circundam são posições equivocadas. Pelo fato de ter um passado negativo e desprezado, as línguas de sinais são vistas a partir de concepções erradas que atualmente ainda observamos, no entanto, existem pesquisas que desmistificam essas atitudes.

A Libras tem, como dissemos anteriormente, como característica o aspecto visioespacial, apresentando uma diferença em relação às línguas orais. Na realização dos sinais é adotado o uso de expressões faciais/corporais e da coordenação motora (através das mãos). Desse modo, há a inserção da Libras como disciplina nas IES (Instituições de Ensino Superior), que oferecem em seus programas a modalidade de ensino, conforme observado no Decreto nº 5626 de 2005:

Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

§ 1º Todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério (BRASIL, 2005, p. 01).

Diante do exposto, percebemos ainda que há uma cobrança apenas nos cursos de licenciatura, e passa a ser optativa nos cursos de bacharel, conforme o inciso 2º: “A Libras constituir-se-á em disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e na educação profissional, a partir de um ano da publicação deste Decreto” (BRASIL, 2005, p. 01).

Para Cruz e Glat (2014), em um estudo de caso sobre a carga horária da disciplina de Libras dentro das IES, uma no Estado do Paraná e outra no Rio de Janeiro, constatou-se que a carga horária não ultrapassa o máximo de 102 horas aulas (no Curso de Pedagogia), e um

mínimo de 51 horas aulas (no curso de Geografia), ministradas semestral ou anualmente. Em outras instituições a carga horária chega até a 30 horas aulas.

Contudo, nem sempre o que menciona a legislação ocorre na realidade, conforme destacam Fernandes e Moreira (2017, p. 135):

Geralmente o espaço concedido à Libras na escolarização é muito restrito. As interações restringem-se aos poucos membros da comunidade escolar que têm conhecimento da língua e são confinadas ao espaço de sala de aula. É comum que a Libras circule apenas na presença de tradutores e intérpretes que realizam a mediação da comunicação entre surdos e ouvintes em situações de interpretação simultânea de aulas expositivas ou eventos .

Durante as aulas de Libras são apresentadas as características da cultura surda, bem como os sinais, no entanto, o tempo é insuficiente, não é possível aprender tudo, o que dificulta o processo de formação e difusão da Libras entre as pessoas, causando um prejuízo grande para surdos e ouvintes que não produzem comunicação.

Convivemos em uma sociedade em que a língua oral impera. Quando há pouco conhecimento da língua de sinais, essa é considerada inferior e ilusória ao ser comparada com as línguas orais, assim, predomina a visão oralista sobre o surdo e esse acaba não tendo acesso à integração social. Para além, não se respeita o *status* linguístico que a língua de sinais possui, considerando-a apenas uma “alternativa” de comunicação para as pessoas surdas, refletindo pontos negativos no desenvolvimento da linguagem e, como consequência, silenciando a comunidade surda, que não tem espaço de compreensão.

## CAPÍTULO II – SOCIOLINGUÍSTICA

Neste capítulo apresentamos alguns dos principais conceitos da sociolinguística, ciência que estuda os comportamentos da língua na sociedade. Para entender a origem dessa área, vamos fazer um recorte dos principais teóricos e suas explicações que proporcionam a discussão de estudos e trabalhos na atualidade.

As primeiras concepções sobre a linguagem remetem a Platão e Aristóteles, que propuseram estudos da linguagem humana, mas não eram estudos aprofundados sobre a linguística como ciência.

As noções propostas por eles eram em relação ao som e ao sentido, opção nocional, ignorando todo e qualquer tipo de variação linguística. A outra noção de estudos era a filológica, a qual era representada pelos gramáticos alexandrinos, “[...] na qual não ignorava a variação linguística, mas a colocava como desvio, configurando desse modo, como a primeira perspectiva normativa/prescritiva na história dos estudos da linguagem” (BORGES NETO, 2004, *apud* CABRAL 2014, p. 86-87).

Os estudos propostos vão ser aprofundados anos mais tarde e cada vez mais buscando teorias para fundamentar e pensar conceitos incorporados para explicar os fenômenos linguísticos. Após o século XIX, as discussões sobre a transformação da linguística em uma ciência são retomados e assim surge a linguística histórico-comparativa que, segundo Borges Neto (2004, p. 51), tem como princípio a abertura de novos caminhos para a “[...] mudança linguística, de modo que, a partir das investigações e comparações entre diversas línguas, chegava-se a uma ‘língua-mãe’, onde se originavam as outras”.

Roger W. Shuy (1990), linguista norte americano bastante conhecido por seu trabalho em sociolinguística e linguística forense, comenta que o primeiro trabalho voltado ao termo sociolinguística remete a Thomas C. Hodson, em 1939, e, em seguida, a Haver Currie:

The word sociolinguistics was apparently coined already in 1939 in the title of an article by Thomas C. Hodson, “Sociolinguistics in India” in *Man in India*; it was first used in linguistics by Eugene Nida in the second edition of his *Morphology* (1949: 152), but one often sees the term attributed to Haver Currie (1952), who himself claimed to have invented it<sup>8</sup> (SHUY, 1990, p. 01).

---

<sup>8</sup> A palavra sociolinguística foi aparentemente utilizada já em 1939 no título de um artigo de Thomas C. Hodson, “Sociolinguística na Índia”, em *Homem em Índia*, e foi usado pela primeira vez em linguística por Eugene Nida na segunda edição de sua *Morfologia* (1949:152), mas é comum ainda ver o termo atribuído a Haver Currie (1952), que afirma tê-lo inventado. (tradução nossa).



Como sabemos, as línguas mudam no decorrer do tempo, assim é preciso compreender que elas mudam de forma sistemática e são necessárias teorias para explicar os fenômenos linguísticos. Importantes linguistas como Saussure, Chomsky e Labov são considerados os “teóricos-chave” nos estudos da linguagem sobre a relação entre língua e sociedade, que mais tarde influenciam na sociolinguística.

O foco dos estudos de Saussure enquadram-no no estruturalismo, corrente filosófica de pensamento que busca identificar como as estruturas sustentam todas as coisas. Na linguística, seu pensamento é homogêneo e autônomo ao examinar a língua como um sistema abstrato em detrimento da fala, ele considerava que a língua possuía uma estrutura fixa e imutável, desse modo, elabora uma teoria em que separa língua e fala, e concentra sua atenção na análise da língua, conforme Cabral (2014), Etto; Carlos (2017).

Ainda para Etto e Carlos (2017, p. 721):

No ano de 1929, em oposição contrária a teoria de Saussure, Michail Bakhtin intervém na ideia da língua possuir um caráter social, a qual se realizava através de atos enunciativos em determinada circunstância de interação verbal. Outro crítico do estruturalismo foi Jakobson em 1960, pois segundo ele, existem inúmeras situações e comunidades linguísticas nas quais os sujeitos interagem de diversas formas e, de acordo com a função e os objetivos de uma dada situação de interação comunicacional, esses indivíduos escolhem determinado código linguístico dentre uma variedade de outros.

Outro teórico da linguística é Chomsky, com a teoria gerativa, teoria que foca os estudos da linguagem, nas propriedades da mente humana em relação à organização biológica da espécie. Os pressupostos por ele adotados mais tarde contribuíram para a continuação da ciência linguística.

Chomsky defende a ideia da existência de um falante ideal, em que este deve estar inserido em uma comunidade linguística homogênea, onde a língua é um conjunto infinito de frases, seja pelas já existentes ou pelas que serão produzidas futuramente ou que os usuários já conhecem por intuição. (ETTO; CARLOS, 2017, p. 721).

[...] Os seres humanos possuem regras que permitem a eles distinguir as frases gramaticais das frases agramaticais e perceber as relações que existem entre as palavras e entre as sentenças. [...] ele passou a examinar a sintaxe da língua sem levar em conta outros aspectos e a estudar os aspectos linguísticos independentemente da ciência cognitiva (PARREIRA, 2017, p. 1025).

O estruturalismo e o gerativismo serviram de base aos estudos da linguística até os anos 1960. A concepção de Ferdinand de Saussure teve grande importância ao destacar a linguística na posição de campo científico, tendo objeto e método determinados. Já Chomsky, elaborou

mais objetivos que tornam a linguagem componente universal dos seres humanos, regras foram capazes de descrição a partir de análises gramaticais em línguas variadas.

Somente a partir de 1960, em um encontro promovido na Universidade de Los Angeles por William Bright e demais sociolinguistas, onde também Labov esteve presente, é que a sociolinguística assumiu sua posição no campo de estudos, apresentando as duas vertentes distintas de descrições, a língua e a sociedade, ou seja, estudos sobre as variações existentes nas estruturas sociais e de convivência entre os povos.

Atualmente, é uma área de estudo e investigação do fenômeno linguístico em seu contexto social e cultural, em situações reais de uso dentro de uma comunidade de fala, ou a diversidade linguística, de possível observação, descrição e análise em seu contexto social.

O contato entre línguas provoca variações, mudanças linguísticas, multilinguismos, e a ciência que se ocupa dessas transformações é a sociolinguística, tendo William Labov como precursor.

Labov (1972) considera que a língua não constitui um sistema homogêneo, mas um sistema marcado por alterações, variações linguísticas relacionadas com o linguístico e o social. Sendo a língua um fato social, a melhor maneira de estudá-la é concebê-la como um sistema heterogêneo. O linguista americano realizou seus estudos inicialmente na ilha de Martha's Vineyard, Massachusetts, em 1962, e procurou relacionar diferentes produções dos ditongos entre os falantes que apresentavam algumas pronúncias, as quais diferenciavam-se em seus diálogos, também percebeu as características sociais dos habitantes da ilha, o que poderia ser um fator que influenciaria na fala.

As regiões dentro da ilha fazem parte da área rural e urbana. As etnias que lá habitavam eram de origem indígena, portuguesa e inglesa. Labov controlou, também, a ocupação dos informantes: pescadores, agricultores, trabalhadores em construções, comerciantes, profissionais liberais, donas de casa e estudantes. Idade e gênero dos informantes também foram considerados na pesquisa. Diante das informações, propôs seus estudos de mudanças linguísticas de acordo com os grupos sociais formados, que apresentavam variações nos modos de falar e cujo meio social seria responsável por essa variação. Mesmo sendo grupos humanos, as diferenças são visíveis, cada comunidade se adapta conforme a realidade que convive.

Dessa forma, a sociolinguística ganha espaço e se difunde no meio acadêmico e científico, tendo por objetivo estudar as variações e as mudanças linguísticas.

A fundamentação e aprofundamento nesta pesquisa ficam a cargo das discussões teóricas propostas por Labov, estudioso da sociolinguística, além de outros teóricos que

pesquisaram os fatores relacionados às línguas e suas variações, e fazem essa ponte de conhecimento.

O foco da pesquisa é a variação linguística em língua sinalizada, língua da comunidade surda, especificamente a Libras, por compor o quadro linguístico brasileiro. Embora a Libras seja a comunicação oficial dos surdos brasileiros, existem sinais que variam conforme a região, idade, gênero, além de outros fatores sociais e econômicos que causam transformações nos sinais.

As línguas orais apresentam variações, regionalismos, modos diferenciados de expressão, assim a língua sinalizada também apresenta tais características. Surdos criam sinais diferenciados para identificar lugares, objetos e conceitos, animais ou coisas que em determinados locais são característicos e não se encontram em outros. As mudanças observadas são nas configurações de mãos e no movimento, mas não há mudanças no sentido destes sinais, conforme o exemplo mais adiante.

Conforme Capovilla *et al.* (2017, p. 458), temos a presença de um sinal abaixo que sofre variação em seu modo de sinalização. No primeiro quadro, o sinal de branco (cor), vemos uma imagem em que há a configuração da mão em “B” (palma da mão aberta para frente e o polegar dobrado para dentro) e o sinal é realizado no braço. Na segunda imagem, à direita, a configuração de mão é em “S” (mão fechada e o polegar sobre os demais dedos) e o sinal é realizado em frente ao tórax, com abrir e fechar da mão.

Quadro 6 – Sinais de branco com CM de diferentes.



FONTE: Acervo da autora (2022)

As grafias das línguas, no decorrer do tempo, passam por acordos ortográficos que alteram a forma de algumas palavras e acentos. Assim também ocorre com os sinais, pois com o passar do tempo muitos sinais se renovam, isto é, mudam dependendo do uso da comunidade surda ou por surdos mais jovens que adaptam uma nova sinalização.

As mudanças linguísticas, assim como as variações de palavras ou sinais, podem e são estudadas pela sociolinguística, pois o principal agente dessas transformações é o ser humano, as pessoas que convivem em sociedade, influenciadas por fatores externos a eles, como grau de estudos, idade, gênero, entre outros de convívio social.

Assim, o estudo das mudanças linguísticas vem ganhando espaço até mesmo quanto às línguas sinalizadas, procurando perceber e discutir fatos que ocorrem nessas línguas, pois até certo momento as pesquisas estavam voltadas às línguas orais apenas. Os estudiosos em destaque na variação linguística na Libras, objeto de nossa pesquisa, são Strobel (2008), Quadros (2004; 2007) e Karnopp (2004), ícones nos estudos de e sobre surdos no Brasil.

De acordo com Borin (2010, p. 07), “O homem é um ser social”. Essa afirmação é utilizada desde muito tempo, até mesmo na época de Aristóteles, pois o homem precisava desenvolver comunicação com os demais ao seu redor (comunidade), seja através da língua oral ou gestual, expressando, assim, conhecimentos, ideias, construindo comunicação para as gerações futuras e produzindo linguagem/ensinamentos que ficaram no passado como objeto de análise para que o novo pudesse ser compreendido.

No decorrer do tempo, as línguas também vão sofrendo alterações por conta das mudanças, costumes, colonização local, usuários, mestiçagem de povos. Deste modo, faz-se necessário o uso de uma ciência que explique essas alterações com objetivo de compreender a relação língua-linguagem, requerendo estudos na diversidade linguística.

Muitas vezes, por costume, acha-se “estranho, errado” ou a “curioso” como determinadas pessoas falam, os sotaques, as diversas maneiras de falar em outras regiões. Para isso, temos a Sociolinguística, ciência que objetiva o estudo das línguas presentes na sociedade, analisando o perfil cultural de seus falantes/usuários. Ela também analisa as línguas sinalizadas, pois são línguas naturais como as demais, compondo um sistema linguístico que se diferencia apenas na modalidade de expressão, sendo visual e espacial, produzidas pelas mãos no espaço, apresentando movimentos e usando de expressão corporal e facial, compondo a língua natural de comunicação das pessoas surdas.

Conforme Quadros e Karnopp (2004, p. 47),

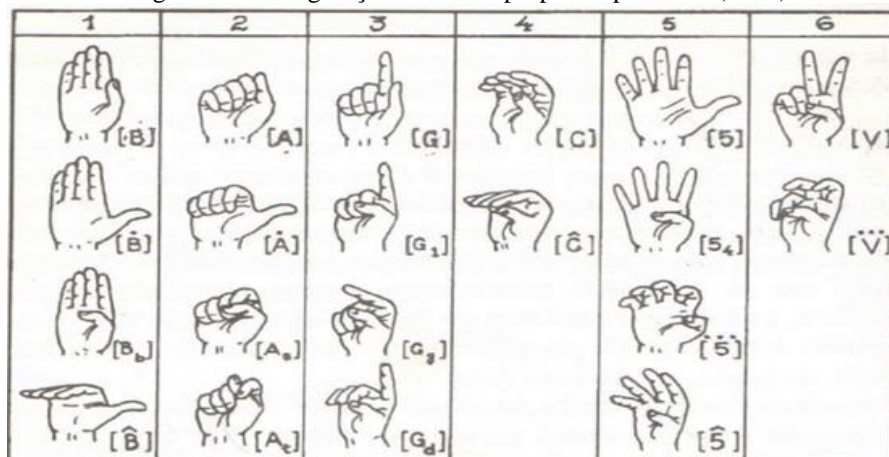
[...] as línguas de sinais não possuem origem nas línguas orais, porém tiveram sua origem de uma necessidade natural de comunicação com pessoas que utilizam o canal oral auditivo, mas o canal espaço visual como modalidade linguística.

Assim, torna-se possível o estudo das línguas de sinais, pois mostra como a pessoa surda expressa suas ideias através do visual proporcionado pelo fato da língua possuir estrutura e gramática própria. A denominação “palavra” dentro do léxico nas línguas orais, compõe o que conhecemos por “sinais” nas línguas sinalizadas. Compreendemos, portanto, que as configurações de mãos são unidades mínimas na formação dos sinais, equivalendo aos sons (fonemas), encontrados nas línguas orais. Ou seja, não há dependência alguma das línguas orais na composição das línguas sinalizadas, pois é uma forma de comunicação independente.

Felipe (2005), em suas pesquisas, catalogou um quadro de 64 configurações de mãos, ou seja, formas como a mão vai assumir diante da realização de um sinal. Vale lembrar que essa tabela é característica do Brasil, pois cada país apresenta seus formatos de configuração, visto que a língua de sinais não é universal, cada país apresenta a sua.



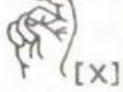













As configurações de mãos se apresentam em maior número em relação às letras do alfabeto manual. Não há uma quantidade exata. Dentro da língua sinalizada no Brasil, a Libras, pesquisadores afirmam que há em média 46 e 64 configurações de mãos, podendo chegar a mais. Como para os surdos a memorização dos sinais depende das “imagens visuais”, eles têm como formação vocabular o formato da mão, conhecidas como configuração de mão, as quais apresentamos em seguida. A primeira imagem é alusiva ao início dos estudos em Libras, envolvendo formatos das mãos. A segunda imagem traz o quadro mais recente utilizado.

Figura 1 – Configurações de mãos propostas por Brito (1995)





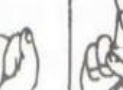







FONTE: Ferreira-Brito (1995, p. 220)

Figura 2 – Configurações de mãos propostas por Brito (1995)

7	8	9	10	11	12
 [o]	 [f]	 [x]	 [h]	 [ʒ]	 [y]
 [ô]	 [Ff]		 [Ĥ]	 [ʒ̃]	 [ÿ]
 [bo]	 [F₄]		 [Ĥ̂]	 [ʒ̂]	 [ʏ]

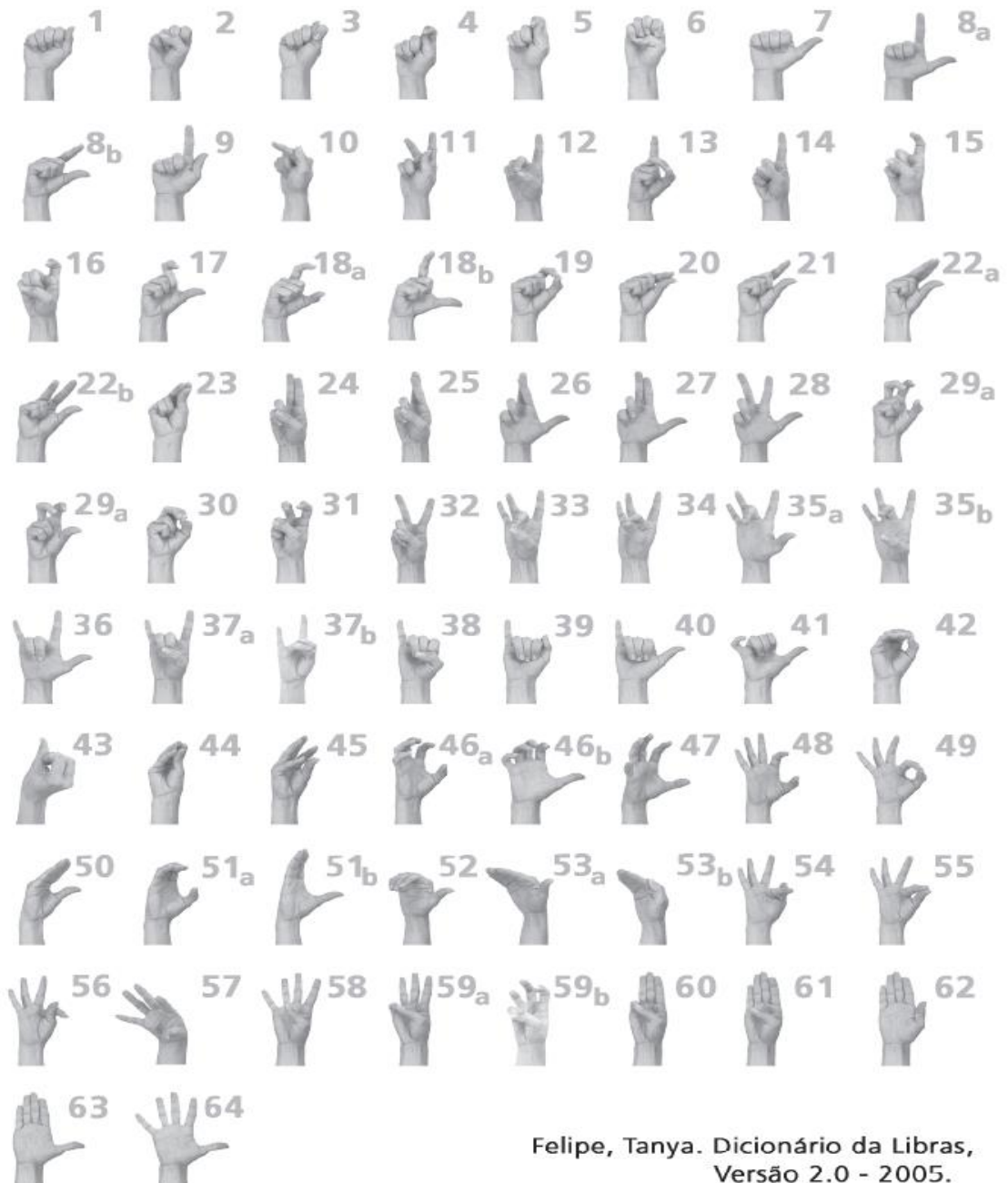
FONTE: Ferreira-Brito (1995, p. 220)

Figura 3 – Configurações de mãos propostas por Brito (1995)

13	14	15	16	17	18	19
 [a]	 [k]	 [l]	 [r]	 [w]	 [l̥]	 [e]
 [a₁]	 [ka]				 [l̄]	

FONTE: Ferreira-Brito (1995, p. 220)

Figura 4 – Configurações das mãos propostas por Tania Felipe



Felipe, Tanya. *Dicionário da Libras, Versão 2.0 - 2005.*

FONTE: Felipe (2005, p. 28)

Ao desenvolver pesquisas cujo objetivo são as variações linguísticas, a base da fundamentação teórica encontra-se nos estudos variacionistas. Em uma discussão das variações linguísticas, deparamo-nos com diversos conceitos, regras, mudanças linguísticas, variáveis, variantes. Discutem-se alguns aspectos que fazem parte da referida teoria e sua composição.

Um grande linguista que deixou marcas nos estudos da linguística foi Meillet, que enfatizava, em seus escritos, o caráter social e evolutivo da língua e a variação contida nessa, motivada por fatores sociais. No momento em que Saussure organiza um modelo abstrato da

*langue* (sistema de signos), Meillet busca entender a estrutura da língua por meio de fatores históricos e sociais (COELHO, 2012).

Para Coelho (2012, p. 14), “[...] a abordagem estruturalista e a gerativista consideram a língua como uma realidade abstrata, desvinculada de fatores históricos e sociais”. Tempos mais tarde, a teoria de Meillet passa a ser estudada e aprofundada por Labov, cuja principal proposta, procura compreender o olhar sobre a língua e linguagem e a relação destas na sociedade.

## 2.1 SOCIOLINGÜÍSTICA VARIACIONISTA

A teoria da variação linguística, proposta por Labov (1972), estuda a estrutura e evolução de uma língua dentro do contexto social numa comunidade linguística, definindo o modelo teórico e metodológico que busca explicar empiricamente como as estruturas internas de uma determinada língua são submetidas às variações, desencadeadas por fatores internos e externos no uso linguístico real.

A sociolinguística variacionista, conhecida também como teoria da variação, assume o papel de estudar as variações no uso da língua e da fala, propondo estudos da língua como produção social pertencente aos cidadãos de uma comunidade.

Propondo estudos para a sociolinguística variacionista, Labov (1972), em seu mestrado, analisou as variedades do inglês, e, em seu doutorado, analisou a estratificação da variável /r/ na mesma língua. Com isso, seus estudos serviram de base para explicar a sistematicidade da comunicação presente no dia a dia, mostrando como uma variante é adicionada à língua e como ela desaparece. Para os pesquisadores variacionistas, as mudanças na língua vêm de comportamentos sociais, não sendo fruto do acaso, mas como um evento cultural motivado por fatores linguísticos e extralinguísticos.

Nos seus estudos, Labov afirmava ainda que é preciso determinar qual estrutura social corresponde em cada organização linguística e como as mudanças no social se traduzem em mudanças na língua (LABOV, 2008).

A metodologia de pesquisa na sociolinguística variacionista busca apreender, portanto, a organização das variações, a junção linguística, social e a relação com a mudança linguística, através de análises quantitativas em um *corpus* escolhido, desde características sociais associadas a uma variável linguística, fonética, fonológica, morfossintática, entre outras.

Na análise da variação linguística, podemos observar a ocorrência de propostas de estudos que buscam explicar as variações em dados estatísticos, de tratamento quantitativo e qualitativo:



- a) Fatores condicionantes: busca compreender quais são as condições para a mudança em dada estrutura, que podem advir de fatores de ordem social e de ordem linguística.
- b) Encaixamento da variação: busca atentar para outras mudanças associadas a determinadas mudanças ou variação das formas em observação na matriz dos concomitantes linguísticos e extralinguísticos e nos desdobramentos da estrutura social.
- c) Avaliação das mudanças: busca estudar os possíveis efeitos da variação sobre a estrutura linguística, sobre a eficiência comunicativa e sobre um amplo conjunto de categorias não representacionais (inclusive interacionais, discursivas e pragmáticas) envolvidas na fala.
- d) Transição: busca compreender os estágios intervenientes entre dois estados da língua: como um falante aprende uma forma alternante, tempo em que as duas formas coexistem, tempo em que uma das formas prevalece sobre a outra.
- e) Implementação: propõe analisar os fatores responsáveis pela implementação da mudança e a razão pela qual as mudanças em um aspecto estrutural ocorrem em determinada língua em um dado momento, mas não em outra língua com o mesmo aspecto, ou na mesma língua, em outras épocas. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 *apud* SALOMÃO, 2011, p. 191).

Ao analisar os fatores metodológicos que regem a sociolinguística variacionista, percebemos certa complexidade, porém, é preciso que o pesquisador colete um número considerável de dados através de gravações de amostras da fala, dos informantes, por meio de entrevistas ou fontes para haver discurso informal e espontâneo, por conseguinte, prosseguir com a pesquisa requerida.

A nossa pesquisa irá buscar fundamentação em caráter documental, tendo como *corpus* documentos (sinais) publicados em livros. Segundo Salomão (2011), entre os informantes escolhidos nas entrevistas, ou até mesmo em nosso caso, nas análises documentais selecionadas, geralmente estão as pessoas nascidas e criadas na comunidade a ser estudada, nas línguas de sinais, professores, pesquisadores, intérpretes e surdos que mantêm contato com a comunidade surda produziram os sinais discutidos, bem como os grupos de pessoas que fazem parte são aqueles que vivem e participam da vida dos surdos, podendo estar inseridos nela desde os 5 anos de idade.

Os materiais analisados nesta pesquisa foram desenvolvidos (1) por professora e intérprete de Libras com anos de atuação na área, e o outro material (2) desenvolvido por um professor surdo, detentor e usuário da língua de sinais como língua materna.

## 2.2 SOCIOLINGUÍSTICA NO BRASIL

No Brasil, a história da sociolinguística tem sua origem no processo de homogeneização linguística, pregado por uma visão eurocêntrica, elegendo o português como língua majoritária e desconsiderando as línguas que eram usadas no território pela grande maioria dos seus habitantes.

No entanto, nosso país tem uma riqueza enorme em se tratando de línguas, porém, temos apenas o português como língua oficial. Embora existissem e existam muitas outras que são usadas país a fora, como indígenas e descendentes, a ideologia eurocêntrica considera a história linguística do Brasil a partir de 1500 (LUCCHESI, 2017).

Os sociolinguistas brasileiros possuem análises referentes aos processos linguísticos iniciados com a colonização do país. Para Lucchesi (2017), citando Silva Neto (1963, p. 351):

Primeira fase: de 1532, início da colonização portuguesa, até 1654, data da expulsão dos holandeses do Brasil;  
 Segunda fase: de 1654 até 1808, data da chegada da corte portuguesa ao Brasil;  
 Terceira fase: de 1808 até a atualidade (no caso, 1951, data da publicação de sua proposta).

A segunda proposta que Lucchesi (2017, p. 352) apresenta é a formulação de Marlos Pessoa (2003, p. 16-80), que também se subdivide em três fases:

Primeira fase: da divisão do país em capitanias hereditárias, em 1534, até a descoberta do ouro em Minas Gerais e a modernização do Estado português, com as reformas pombalinas, em 1750.  
 Segunda fase: de 1750 a 1922, dividida em três subfases: I. de 1750 a 1808, com a transferência da família real para o Brasil; II. de 1808 a 1850, com o fim do tráfico negro; III. de 1850 a 1922, com a eclosão do Movimento Modernista.  
 Terceira fase: a partir de 1922, o fim do predomínio das oligarquias e o surto industrial.

Numa terceira análise linguística, citada por Lucchesi (2017), na visão de Tânia Lobo (2003), há uma proposta de estudos “um tanto quanto econômica”, tendo por objetivo as características histórico demográfica-linguística, levando em consideração o crescimento populacional, processo de urbanização, escolarização e, até mesmo, o processo de standardização da língua, organizando suas observações em duas fases:

Primeira fase: até 1850: multilinguismo generalizado, não urbanização, não escolarização e não standardização linguística.  
 Segunda fase: após 1850: multilinguismo localizado, urbanização, escolarização e standardização linguística (p. 353)

Na quarta fase, descrita por Lucchesi (2017), em Volker Noll (2008) há uma “classificação em séculos e semi-séculos” propondo a “evolução do português brasileiro”:

De 1500 a 1550, fase inicial: traslado da língua portuguesa para o Brasil.

De 1550 a 1700, primeira fase formativa: formação das primeiras características da língua portuguesa no Brasil.

De 1700 a 1800, fase diferenciadora: formação do português brasileiro, diferenciação das variedades europeia e brasileira.

De 1800 a 1950, fase de desenvolvimento da escrita e do ensino: introdução da impressão tipográfica e da imprensa, implantação do ensino público oficial e criação do ensino superior; diferenciação progressiva da norma europeia.

De 1950 ao presente, fase de nivelção: evolução dos meios de comunicação, introdução da televisão, urbanização progressiva (p. 355)

Nas quatro análises linguísticas descritas por Lucchesi (2017) podemos perceber que todas se assemelham com a colonização brasileira a partir da vinda dos primeiros colonizadores. A língua brasileira (línguas nativas ou línguas de origem, faladas inicialmente em nosso país) passa a ter modificações com o processo de mestiçagem de povos.

Tempos mais tarde, com o processo de desenvolvimento do Brasil, urbanização e industrialização, a língua acompanhou as mudanças que ocorreram e hoje temos um multilinguismo em nosso cotidiano, mas ainda visto como monolinguismo por grande parte das instituições.

No contexto linguístico, os sociolinguistas apresentam dados referentes à mobilidade geográfica e social dos falantes. No Brasil, percebemos que nos centros urbanos, após o êxodo rural, ocorreu uma difusão dialetal, sendo o principal fator responsável pela difusão da variação linguística. De acordo com Lucchesi (2017, p. 363), a origem da sociolinguística no Brasil se divide em três épocas: Inicia-se “[...] após o ano mil, com a expansão tupi pelo litoral, e se encerra no ano de 1532, com efetivo início da colonização do Brasil pelos portugueses”.

Com o crescimento territorial do Brasil, as línguas de propagação passam a ser as línguas indígenas, centenas de línguas que eram usadas pelos povos tupis, pois o português ainda não tinha ganhado espaço nesse período, mesmo com a chegada dos portugueses em nosso território.

A segunda fase da sociolinguística no Brasil, de acordo com Lucchesi (2017), compreende o período de 1532 a 1695, sendo marcada pelo plurilinguismo, em que o português é inserido, mesmo de forma minoritária, numa mistura com as línguas indígenas usadas pelo país, além das línguas africanas que passam a compor a pluralidade linguística.

A terceira fase da história da sociolinguística no Brasil tem início em 1695 e se estende até a Revolução de 1930. Esse período é caracterizado pela homogeneização linguística, em que a língua portuguesa passa a ser dominante e imposta como língua materna das pessoas que vivem no Brasil. As línguas africanas, entretanto, são extintas, e as indígenas sofrem redução,

tornando o país conhecido como monolíngue, mesmo com a diversidade de línguas aqui faladas (LUCCHESI, 2017).

A quarta fase da história sociolinguística no Brasil inicia em 1930 e vai até os dias atuais. Caracteriza-se pelo nivelamento linguístico, atingindo padrões de fala de classes mais baixas, acompanhado por um afastamento da norma culta, do padrão normativo. O principal fator é o processo de “[...] industrialização e urbanização, os quais promovem a difusão da norma urbana culta, a concentração de renda mantém a polarização sociolinguística e fomenta o preconceito linguístico” (LUCCHESI, 2017, p. 376).

Em nosso país, a sociolinguística tem influência desde a colonização, diante da miscigenação de línguas europeias com as línguas nativas que eram faladas pelos povos que aqui habitavam. Mais tarde, com o processo de urbanização e crescimento populacional, há maior difusão das línguas como também o preconceito e extinção de outras.

Dessa forma, as influências que as línguas orais tiveram durante a colonização e o processo de desenvolvimento de nosso país, as línguas de sinais também acompanharam, pois os surdos estavam presentes nestes espaços sociais e foram influenciados pelas transformações. Além disso, muitas culturas foram extintas e desprezadas, e a consequência foram que as variedades linguísticas sofreram o mesmo processo de extermínio e desprestígio pela sociedade.

Na sequência, veremos alguns conceitos específicos estudados pela sociolinguística, como fator determinante em uma pesquisa envolvendo a combinação língua e sociedade.

### **2.2.1 Principais conceitos da sociolinguística**

O principal objeto da sociolinguística variacionista é o estudo da língua partindo de sua observação, descrição e análise no contexto social, ou seja, em situações concretas de uso. Como proposto por William Labov (1972), o ponto de partida da análise é a comunidade de fala.

A comunidade de fala se caracteriza não apenas por pessoas que falam do mesmo modo, mas por pessoas que mantêm contato por meios de comunicação diversos, seguindo o mesmo conjunto de regras e normas linguísticas.

As línguas, por sua vez, são sucessões compostas na história passadas de geração em geração aos indivíduos, que pregam a seus descendentes o domínio de uma língua específica. As variações que condicionam a mudança na língua têm relação com fatores dentro da mesma comunidade de fala, pois há pessoas de diferentes origens, idades e gêneros, que falam de maneira distinta.

O processo em que ocorrem as mudanças dentro da língua é conhecido por variação, a qual caracteriza as formas em que as palavras e sinais podem ocorrer dentro do mesmo contexto linguístico, com igual valor referencial (COELHO *et al.*, 2012).

Conforme Tarallo (1986), quando encontramos comunidades de fala, a variação linguística é característica fundamental nesses espaços:

A essas formas de variação dá-se o nome de “variantes”. As variantes linguísticas são as várias maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, com o mesmo valor de verdade. [...]. As variantes de uma comunidade de fala encontram-se sempre em relação de concorrência: padrão e não padrão, conservadoras ou inovadoras; de prestígio e estigmatizadas. Ainda a variação padrão é ao mesmo tempo, conservadora e que apresenta um prestígio sociolinguístico na comunidade. As variantes inovadoras, são quase sempre não padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade (p. 8; 11-12).

Para Freitag e Lima (2010, p. 46):

As variantes correspondem aos modos de dizer “a mesma coisa” em um mesmo contexto”. Isto configura uma regra variável, a qual possui duas ou mais variantes (caso não tenha, não temos uma regra variável, mas sim uma regra categórica). As variantes são as formas linguísticas alternantes que configuram um fenômeno variável. As variantes podem permanecer estáveis nos sistemas ou podem mudar quando uma das variantes desaparecer.

Para a sociolinguística, descrever e analisar a diversidade linguística não é um problema, mas uma característica que constitui um fenômeno linguístico, em que cada indivíduo apresenta um comportamento linguístico particular, mas a mudança ocorre em grupo com interação social. As línguas são adaptadas conforme o uso da comunidade que a utiliza, não há línguas pobres ou sistemas gramaticais que possuem imperfeição. A língua é homogênea, mas o falante não, pelo fato de sua inserção no meio social. O que incide são os julgamentos de natureza política e social. Nos estudos da sociolinguística, as diferenças linguísticas observáveis nas comunidades de fala são vistas como dado necessário a um fenômeno linguístico.

Desse modo, as variantes linguísticas têm “[...] um ponto de partida, ocorrendo em ambiente mais favorecedor, e aos poucos, se propaga aos ambientes menos favorecedores”. Esse processo ocorre de maneira gradual e se manifesta em alterações de aplicação de regra a depender de cada contexto linguístico e social, em que uma variável linguística (regra variável) comporta duas ou mais variantes (FREITAG; LIMA, 2010, p. 49).

As variáveis linguísticas se constituem como objeto ou foco da pesquisa, conforme proposto por Labov (1972). Assim, a variável linguística costuma ser relativa e dependente: “Uma variável é concebida como dependente no sentido que o emprego das variantes não é

aleatório, mas influenciado por grupos de fatores de natureza social ou estrutural” (FREITAG; LIMA, 2010, p. 49, *apud* MOLLICA; BRAGA, 2003, p. 11).

Outra característica marcante nas variáveis linguísticas são os tipos de variação que podem ser apresentados, são os fatores extralinguísticos, ou seja, podem ser variações regionais ou sociais. Para Borin (2010), as variedades linguísticas são, de certa forma, subordinadas a dois amplos campos: variedades diatópicas e variedades diastráticas.

Por variação diatópica, geográfica ou regional, compreendemos que se referem:

[...] às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, podendo ser percebidas entre falantes de origens geográficas distintas, ou seja, são as responsáveis pelos chamados regionalismos, provenientes de dialetos ou falares locais. As variedades geográficas também conduzem à oposição entre linguagem urbana e linguagem rural. Ex. Brasileiros e Portugueses; Cariocas, Gaúchos e Baianos. (BORIN, 2010, p. 14)

Ou, ainda, a variações entre:

Dois países, duas regiões de um mesmo país, dois estados de uma mesma região, duas cidades de um mesmo estado e mesmo entre falantes de dois bairros de uma mesma cidade. É comum também que se analise variação regional entre zonas urbanas e zonas rurais ou do interior. Além da etnia colonizadora de uma comunidade (COELHO, et.al. 2012, p. 76-77)

Temos, também, a variação diastrática ou social, tendo como principais características o grau de escolaridade, o nível socioeconômico, o sexo/gênero, a faixa etária e mesmo a profissão dos falantes, conjunto esse que marca a identidade dos falantes, relacionados às variações de natureza social.

**Grau de escolaridade:** Pessoas com a cultura letrada e com o uso da variedade padrão da língua, supõe-se que, em geral, falantes altamente escolarizados dificilmente produzirão formas como *nós vai* ou a *gente vamos*, que são típicas de falantes pouco ou não escolarizados. E mais provável que eles falem *nós vamos* e a *gente vai*.

**Nível socioeconômico.** É um fator muito estudado, principalmente nos trabalhos de Labov e de seu grupo de pesquisa sobre o inglês de Nova Iorque. Resultados de seus estudos mostram que o grupo social menos privilegiado favorece o uso de variantes não padrão da língua, enquanto os mais privilegiados optam pela, variante padrão. Mas essa constatação, em geral, é correlacionada com ocupação e estratificação estilística. No Brasil, há poucos estudos que levam em consideração esses indicadores.

**Sexo/gênero:** Alguns estudos mostram que as mulheres são mais conservadoras do que os homens. Elas, em geral, preferem usar as variantes valorizadas socialmente; é como se elas fossem mais receptivas à atuação normatizadora da escola.

**Faixa etária.** A questão da relação entre variação linguística e idade do falante tem suscitado muitas reflexões dentre os sociolinguistas no Brasil e no mundo, pois, em geral, entra em jogo a questão da mudança linguística. Alguns estudos atestam essa

hipótese clássica, quando trazem resultados que mostram os indivíduos adultos tendendo a preferir formas antigas e, os mais jovens, formas novas (COELHO *et al.* 2010, p. 78-81)

Esses fatores dentro dos estudos de variação linguística não devem ser considerados de forma isolada, pois podem explicar desde um dialeto até a aproximação da norma culta ou de prestígio dentro da língua.

Outra variação presente na sociolinguística é a variação estilística ou diafásica, a qual está presente na formalidade e informalidade da fala, em que um mesmo falante pode usar diferentes formas linguísticas a depender do contexto no qual se encontra, como, por exemplo, no contexto familiar ou no trabalho, na escola, ou com os amigos. Ou seja, cada indivíduo exerce um “papel social” estabelecido em diferentes domínios que as pessoas se encontram, exercendo uma adequação na comunicação (COELHO *et al.* 2010).

### **2.2.2 Mudança linguística e tempo**

As mudanças na língua resultam de um processo longo e de forma contínua. E as mudanças estão ocorrendo muitas vezes de forma imperceptível. Mas sempre fica o questionamento: a mudança linguística afeta a estrutura da língua e como as pessoas conseguem manter a comunicação?

Segundo estudos e pesquisas, não há interferência na estrutura linguística, a língua se mantém estruturada também com as mudanças que vêm ocorrendo, permitindo, assim, a comunicação. E como as mudanças sempre existiram, os indivíduos já estão habituados e, caso haja necessidade, ocorre o questionamento sobre determinada palavra ou sinal como sendo específico de determinada região ou comunidade, facilitando a interação.

Conforme Tarallo (1986, p. 62), “[...] através da correlação dos fatores linguísticos e não linguísticos você chegará a um melhor conhecimento de como a língua é usada e qual a sua constituição”. Como cada comunidade é ímpar, cada falante se porta de maneira única. Citando novamente Tarallo (2010, p. 63), “Nem tudo o que varia sofre mudança: toda mudança linguística, no entanto, pressupõe variação. Variação, portanto, não implica mudança, mudança, sim, implica sempre variação. Mudança é variação!”.

No campo da linguística, a variação é um fenômeno natural, o qual ocorre pela diversificação existente em uma língua e pela relação de possíveis mudanças de seus elementos: vocabulário, pronúncia, morfologia, sintaxe, partes essenciais na língua.

Cabe ao sociolinguista, portanto, coletar um grande número de dados através de gravações, amostras, fala de um número considerável de informantes por meio de entrevistas e experiência pessoal, para produzir fontes e dados que possam explicar as variações. Assim, o termo variante é utilizado nos estudos da sociolinguística para designar expressões/vocábulos que estão sofrendo variação, ou seja, uma ou mais formas usadas na língua, mas que não alterem a mudança de sentido.

### **2.2.3 Preconceito e respeito linguístico**

Dentro de uma variedade linguística temos a existência de variedades de prestígio e de variedades não prestigiadas nas sociedades em geral. Tradicionalmente, o melhor modo de falar e as regras do bom uso correspondem aos hábitos linguísticos dos grupos socialmente dominantes, obedecendo a hierarquias, compondo, na tradição do Ocidente, a variação padrão, a qual “[...] representa o ideal de homogeneidade em meio à realidade concreta da variação linguística – algo que por estar acima do corpo social, representa o conjunto de suas diversidades e contradições” (BORIN, 2010, p. 16).

As línguas são adaptadas conforme o uso da comunidade, não há línguas pobres ou sistemas gramaticais que possuam imperfeição. Como dito anteriormente, a língua é homogênea, mas o falante não. O que incide são os julgamentos de natureza política e social. As diferenças linguísticas observadas nas comunidades de fala são vistas como um dado necessário a um fenômeno linguístico.

Quando ocorre o fenômeno de não aceitação da variação, há uma rejeição das variedades, diante disso, a posição social de seus falantes pode ser considerada superior ou inferior, seja na desqualificação das pronúncias, no surgimento de atitudes preconceituosas, acarretando no preconceito linguístico. Este último tem origem na década de 1980 com a linguista finlandesa Tove Skutnabb-Kangas, a qual estudou a discriminação da linguagem usada por grupos minoritários. Segundo ela, o preconceito começa quando uma linguagem distinta causa desprezo e essa diferença cria relações de poder entre as pessoas – mais poder para sujeitos que usam linguagem formal e menos poder para a linguagem informal –.

No Brasil, com o movimento modernista, dos anos 1920 a 1930, houve uma maior difusão a respeito das variações linguísticas, estando presentes na literatura e poesia da época, destacando as diferenças regionais da língua portuguesa, na identidade do povo brasileiro<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Conteúdo disponível em: <https://www.significados.com.br/preconceito-linguistico/>. Acesso em: 20 jun. 2022.



O autor de maior destaque no Brasil em estudos sobre o preconceito linguístico é o linguista Marcos Bagno, que publicou o livro *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*. Em sua obra, descreve as variedades linguísticas brasileiras e chama a atenção para a valorização dessas, pois fazem parte da cultura do país (COELHO *et al.* 2012).

Segundo Marcos Bagno (2007, p. 38), esse estereótipo nos falares sociais ocorre da seguinte maneira:

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe, [...] uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português”.

Deste modo, o termo preconceito linguístico caracteriza certa discriminação quanto aos falantes de determinada língua, muitas vezes, até caracterizando deboche no jeito de falar das pessoas, corrigir o modo do falante, causando rejeição e, não raro, a negação de seus direitos básicos de cidadão, como os direitos judiciais e inclusão, pelo fato de julgar a fala de uma língua como sendo “toda errada”.

O preconceito linguístico surge quando se pretende julgar o modo de falar do outro, comparando as regras gramaticais com a língua falada. As regras da gramática normativa são importantes na preservação da ordem da língua de um país, mas é importante avaliar que a língua está em constante mudança, em conformidade com a evolução social, regional e histórica do espaço.

Dentro da gramática normativa não estão contempladas as expressões populares, gírias, regionalismos, pois essas classes não fazem parte da norma ou das regras gramaticais, mas estão presentes no falar das pessoas e não podem ser consideradas como erradas.

Mesmo apresentando regras próprias, a fala das pessoas apresenta variações consideradas, e o que interfere é a valorização e o respeito a essas diferenças, consistindo no respeito linguístico, conforme proposto por Scherre (2021, p. 117),

O Respeito Linguístico é a convivência harmoniosa entre as diferentes formas de falar, seja no plano das diferenças entre as línguas, seja no plano das diferenças entre as variedades no interior de uma mesma língua. As diferenças linguísticas, em qualquer plano, incluindo o social, caracterizam grupos de falantes e são mecanismos identitários.

Ou seja, por mais difícil que seja manter o respeito linguístico, Labov (2008) considera que “[...] uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam

todos as mesmas formas”, pois estes, mesmo inseridos em um mesmo grupo, apresentam características particulares entre si.

Ainda conforme Scherre (2021, p. 119), o respeito linguístico é visto como uma utopia, um sonho de uma “[...] sociedade com sistema social, político e econômico ideal, com leis justas e dirigentes políticos verdadeiramente empenhados no bem-estar de seus membros”. Durante o processo de colonização brasileira, muitas culturas foram desconsideradas e, como consequência, as variedades linguísticas sofreram o mesmo extermínio.

Os estudos dos processos de variação linguística nas línguas sinalizadas também contemplam variações e diversidades culturais e territoriais. A variação social abrange aspectos que se referem às diferenças individuais, relacionadas à faixa etária, gênero, escolarização e fatores socioeconômicos, em que todos esses aspectos compõem as variáveis sociais ou extralinguísticas nos processos de variação linguística.

De acordo com Borin (2010), ao estudar qualquer comunidade linguística, a constatação mais imediata é a existência de diversidades ou da variação, pois toda comunidade se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de falar, ou seja, as variedades linguísticas.

Portanto, como nas línguas orais, a língua de sinais (Libras) possui especificidades e características gramaticais próprias de uma língua sinalizada. Partimos do pressuposto, portanto, de que essa possui variações na sinalização, e compreendemos que o ser humano desenvolve uma língua, seja ela na modalidade oral ou até mesmo sinalizada.

Como temos as línguas orais, que possuem gramática, regras específicas e próprias, temos as línguas de sinais, que também apresentam sua estrutura linguística e suas variações. Para conseguir comunicação, os seres humanos a constroem por meio de trocas de informações.

De acordo com Débora Deliberato (2017, p. 301),

Comunicação é a capacidade que o ser humano tem de trocar informações aprendidas e pretendidas com diferentes pessoas. Durante o processo de comunicação, é importante o uso de um sistema linguístico compartilhado, ou seja, ambos os parceiros de comunicação devem utilizar o mesmo idioma para que possam transmitir e compartilhar uma mensagem.

Estamos diante de sistemas linguísticos que permitem aos seres humanos se comunicarem e dialogarem entre si, seja pela linguagem/língua oral ou sinalizada, até mesmo por meio de códigos criados para emitir expressões que possam ser contínuas e difundidas cada vez mais. Muitas vezes, as línguas de sinais não tiveram o seu devido reconhecimento, pois não eram consideradas como importantes e eram vistas apenas como gestos. Neste sentido, Quadros (2019, p. 26 - 27) salienta que

Os estudos das línguas de sinais, incluindo a Libras, inicialmente tiveram como função convencer os linguistas e demais agentes de políticas linguísticas e educacionais de que elas eram, de fato, línguas. Havia uma compreensão equivocada, com base no senso comum, de que as línguas de sinais eram universais por usarem o corpo em movimentos supostamente compreendidos por “gestos”.

Os gestos nesse caso, eram associados à ideia de que a produção das línguas de sinais representaria formas universais e que poderiam ser facilmente entendidas por qualquer pessoa.

Muitos mitos perduram acerca das línguas sinalizadas, como, por exemplo: línguas de sinais são universais ou limitadas; muitas vezes as línguas de sinais são vistas como mímica; a língua de sinais é derivada de língua oral. Esses pontos demonstram que a maioria das pessoas não a conhece ou associa como uma língua sem sentido, vendo-a como fácil de ser entendida. No entanto, cada país possui sua(s) língua(s) de comunicação, tanto de forma oral quanto sinalizada, e cada língua apresenta variações em seu uso.

#### **2.2.4 Variações linguísticas na Libras**

Da mesma forma que as línguas orais, a Libras, possui variações. É uma língua de modalidade visual, espacial, originária de comunidades surdas, considerada pela linguística como língua natural, em que os sinais são articulados pelas mãos e presenciados através da visão. Desse modo, a língua sinalizada também “[...] possui características em relação às diferenças regionais, socioculturais, entre outras, possuindo expressões que variam de região para região” (STREIECHEN, 2013, p. 32).

De acordo com Loregian Penkal (1996, p. 89):

Para uma explicação completa e abrangente do fenômeno da variação linguística há que se considerar, necessariamente, fatores internos e externos a língua que, potencialmente, condicionam a realização da regra variável sob análise. [...] a variação linguística só é aprendida na sua sistematicidade quando vista em relação ao contexto social.

Para Fernandes e Strobel (1999), há vários exemplos de variações linguísticas decorrentes de condições espaciais/regionais, sociais/culturais e de mudanças históricas que atribuem à Libras um caráter de língua natural, em constante movimento e transformação.

A variação linguística denota um fenômeno importante para o reconhecimento do estatuto da Libras como língua natural e contribui para sua valorização como língua viva e

sujeita a variações, significando que pode haver mais de um sinal em Libras para um mesmo termo (FERNANDES, 2018).

Até então, as línguas de sinais não eram vistas como sistemas linguísticos com estrutura interna, mas sim como gestos, pantomima ou representação da língua oral através das mãos, não sendo considerada como língua que possui uma gramática própria. Com o intuito e a necessidade de se conhecer melhor a língua de sinais e seu funcionamento, surgem os primeiros interessados pela língua, que mais tarde se tornam pesquisadores e referências que nos amparam atualmente sobre a língua sinalizada.

Inicialmente, Stokoe foi contratado para lecionar inglês e literatura inglesa na Universidade Gallaudet, e desconhecia totalmente sobre o surdo e a língua de sinais. No entanto, no ano de 1960, iniciou seus estudos sobre a linguística da língua de sinais americana, aprendendo a linguagem dos sinais, algo que para a maioria das pessoas era visto como inadequado sistema de comunicação. Naquela época, predominava a filosofia oralista e a pouca comunicação que havia era um inglês sinalizado, informal, e não uma língua de sinais. Stokoe observava as aulas de professores surdos e aproximou-se deles, para, assim, melhorar sua sinalização (FRYDRYCH, 2013).

Em seguida, começou a estudar a “[...] organização fonológica, morfológica e semiológica da língua de sinais, percebendo que a maioria dos sinais sintáticos da língua sinalizada vinha da face, cabeça, movimento dos olhos e não das mãos”, característica presente dentro da ASL<sup>10</sup> na época (FRYDRYCH, 2013, p. 24).

Na busca por entender a língua cada vez mais, Stockoe fez suas análises partindo dos morfemas. Para ele,

Tanto a soletração manual quanto os sinais, fazem parte dos morfemas, mesmo em dois sistemas estruturais distintos. A soletração manual é telegráfica, a estrutura do sinal permite uma considerável latitude linguística, pois o sinal em si não é isolado, mas é uma estrutura de elementos que admite a variação linguística. Assim como, na datilologia dos numerais a soletração opera diferentes configurações em alguns sinais ocorre a presença de movimento (STOKOE, 2005, p. 17, *apud* FRYDRYCH, 2013, p. 30).

Com suas pesquisas e proposições, vários estudos se desenvolveram sobre a estruturação da língua de sinais e os parâmetros que compõem essa língua, confrontando a ideia de que, como muitos imaginavam, a língua de sinais não fosse uma língua, diante disso, existem estudos que comprovam sua veracidade.

---

<sup>10</sup> Nos Estados Unidos é adotada a American Sign Language (ASL), que na tradução quer dizer Língua de Sinais Americana.

No Brasil, os estudos sobre a língua de sinais é recente, tanto que os primeiros estudos recorrentes datam mais especificamente de 1982 com Lucinda Ferreira Brito, que estuda a língua de sinais dos indígenas de uma tribo no sul do Maranhão, a língua de sinais Urubu Kaapor. Tempos mais tarde, ela iniciou seus estudos dentro da Libras, propondo, assim, uma gramática.

Nos anos de 1994, 1995 e 1999, Ronice Muller de Quadros e Lodenir Becker Karnopp propõem seus estudos sobre os aspectos da aquisição da língua de sinais brasileira. Karnopp apresentou uma descrição básica sobre a fonologia da Libras, aprofundou seus estudos no parâmetro configuração de mão e analisou processos fonológicos de apagamento, assimilação e substituição realizados por uma criança surda, no processo de aquisição da língua de sinais brasileira.

Quadros (1997) foca seus estudos no nível sintático da língua, analisando como crianças surdas adquirem a Libras como primeira língua. No seu grupo de estudos foram incluídas crianças surdas filhas de pais surdos, na aquisição da Libras como primeira língua. Ela apresenta a organização das estruturas frasais na Libras, descrevendo:

Estruturas com verbos “pesados” (heavy verbs), ou seja, (a) formas produzidas por meio de classificadores que incorporam a ação verbal, (b) verbos manuais (aqueles que incorporam instrumentos ou partes de objetos) e (c) verbos com flexão aspectual (incorporada ao verbo por meio de mudança no padrão do movimento). (QUADROS, 1999, p. 22)

As estruturas sintáticas, pesquisadas por Quadros e Karnopp, são primordiais nos estudos da estruturação da Libras atualmente, uma vez que elas foram o ponto inicial que deu forças ao reconhecimento da língua, pois ela apresenta uma estrutura própria, com regras específicas.

Conforme aponta Gesser (2009, p. 40-41), “[...] a língua de sinais, ao passar, literalmente, de ‘mão em mão’, adquire novos ‘sotaques’, empresta e incorpora novos sinais, mescla-se com outras línguas em contato, adquire novas roupagens”. Assim nascem os fenômenos de variação linguística dentro das línguas e com a língua sinalizada ocorre o mesmo processo, pois é uma língua viva, em movimento. A variação presente nas línguas de sinais não compromete o desenvolvimento da língua, aliás, enriquece o vocabulário, ensina as diferenças presentes na língua. Com o reconhecimento do *status* linguístico da Libras, houve a disseminação dessa nos mais variados contextos, ampliando também a quantidade de sinais utilizados e gerando uma maior variação na realização desses sinais (MACHADO; WEININGER, 2018).

Dessa forma, a variação linguística ocorre de forma natural, pois a língua é viva, aberta, composta por falantes ou usuários e passa por processos de diversificação, tendo diferentes modos de expressão. A variação linguística, portanto, envolve as características gramaticais, como o vocabulário, a pronúncia e sinalização, a morfologia e a sintaxe. Representa os diferentes modos de expressão na língua, a partir da escolha de palavras ou sinais, na construção de enunciados, no tom da fala ou sinalização.

## CAPÍTULO III – METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos que proporcionaram a realização desta pesquisa voltada à temática da variação linguística na Libras.

Esta pesquisa se enquadra na abordagem bibliográfica e traz na revisão da literatura a principal teoria que irá nortear o trabalho e a pesquisa científica. O levantamento bibliográfico ou a revisão bibliográfica podem ser realizadas em livros, periódicos, artigos de jornais, *sites* da internet, entre outras fontes que se fizerem necessárias.

A pesquisa bibliográfica compõe um processo inacabado, aproximando teoria e realidade e fornecendo subsídios para a intervenção no real como proposta de análise das variações linguísticas presentes em dois materiais didáticos (um livro e uma apostila), cujos autores são de regiões diferentes do Paraná, conforme especificado mais à frente.

De acordo com Fonseca (2002, p. 37),

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, *apud* GERHARD, SILVEIRA, 2009, p. 37)

Nesse contexto, a pesquisa bibliográfica auxilia o pesquisador desde o início, pois tem como intuito identificar se já existe um trabalho científico sobre o assunto da pesquisa a ser realizada, colaborando na escolha do problema e de um método adequado, tudo isso é possível baseando-se nos trabalhos já publicados, sendo primordial na construção da pesquisa científica, uma vez que nos permite conhecer melhor o fenômeno em estudo (SOUZA, *et al.*, 2021).

Durante essa etapa, o pesquisador necessita ler, refletir e escrever sobre o que estudou e conhece sobre o tema, além de se aprofundar nos estudos, aprimorando e selecionando os fundamentos teóricos, sendo essencial a organização das obras no desenvolvimento da pesquisa.

Com a definição do tema da pesquisa, o passo seguinte foi a busca do material bibliográfico encontrado em fontes informacionais. A base inicial desta dissertação foram as fontes primárias que, segundo Pizzani *et al.* (2012, p. 57): “[...] contêm os trabalhos originais com conhecimento original e publicado pela primeira vez pelos autores. São as teses universitárias, livros, relatórios técnicos, artigos em revistas científicas, anais de congressos”.

Sendo uma pesquisa bibliográfica, a investigação presente é exploratória, tem como característica o desenvolvimento de ideias antes propostas ou a descoberta de intuições. O termo exploratório se caracteriza como investigação criativa e pertinente em relação à língua de sinais ao embasar conhecimentos e estudos, descrevendo situações reais e práticas das interações socioculturais de uso da língua, também pela carência de pesquisas científicas e referências bibliográficas com abordagem na Libras.

Por ser um estudo de caráter científico, investigamos as questões já apresentadas em outros materiais disponíveis (livros, artigos), através de procedimentos de leitura, categorização dos sinais e interpretação, os quais possibilitaram a construção do suporte teórico da pesquisa. O método utilizado quanto aos procedimentos e andamento da pesquisa foi o método comparativo, pois comparamos informações em diferentes regiões a fim de verificar a existência ou não de variação na Libras.

Em relação aos objetivos, temos uma pesquisa explicativa, uma vez que buscamos expor a razão da ocorrência de variação na Libras, identificando quais fatores contribuem para sua ocorrência a partir das características existente nessa língua e no estabelecimento de modos como os sinalizantes usam em localidades diversas.

A coleta de dados foi realizada em materiais disponíveis em livro e no site do CAS<sup>11</sup> – Centros de Apoio ao Surdo e aos Profissionais da Educação de Surdos do Paraná – Regional Oeste/Cascavel/PR, em forma de apostila, intitulada: *Curso de Libras Básico I*, produzida no ano de 2018, com total de 70 páginas. O material que traz consigo noções básicas sobre a Libras (advérbios, saudações, verbos, adjetivos, família, entre outros).

A escolha pelo Oeste paranaense se deu pelo fato de eu ter cursado Letras-Libras pela Unioeste, *campus* de Cascavel. Durante a graduação, e até mesmo nas formações voltadas à área, percebi que alguns sinais ocorriam de forma “diferente” da região (Sudeste), onde resido, e ficava a indagação: Por que tais diferenças se a Libras é a língua de sinais do Brasil? Ela tem diferenças ou sinais que ocorrem de forma distinta para uma mesma palavra? Aos poucos fui percebendo que, assim como na língua oral de nosso país existem os regionalismos, na língua sinalizada eles também ocorrem.

Melhor especificando a cultura da região Oeste do Paraná, percebemos que tanto nas línguas orais quanto nas sinalizadas temos forte influência da colonização, fato esse que vai dizer

---

<sup>11</sup> “Visam à inclusão social e educacional da comunidade surda, a orientação quanto aos serviços de apoio pedagógicos complementares e suplementares no Atendimento Educacional Especializado aos estudantes surdos e a oferta de formação inicial e continuada aos profissionais da educação de surdos” (SEED/PR, 2018, p. 01). Disponível em: <https://www.educacao.pr.gov.br/Centros-de-Apoio-CAS>. Acesso em: 26 out. 2022.



melhor o porquê se apresentam inúmeras variações linguísticas e algumas bem específicas da região em si.

A região Oeste paranaense tem em seu cenário histórico um período marcado por povoamento com a presença de espanhóis, portugueses, argentinos e paraguaios e na sua fase “moderna”, colonizadores gaúchos, catarinenses, paranaenses, mineiros, baianos e paulistas, entre outros. Identificada de forma emblemática como “Marcha para o Oeste”, a ocupação das terras oestinas nas décadas de 1950 e 1960 estava assentada nas ações oficiais do governo (Período Vargas), em que se propalava um nacionalismo exacerbado e se buscava um Estado fortalecido e centralizador. O atravessamento étnico-cultural na fala acaba por delinear isoglossas, áreas e sub-áreas linguísticas e demarcar fronteiras entre os traços linguísticos, que correspondem à cultura dos falantes que primeiro habitaram os espaços e deixaram para trás a constituição de uma identidade que se insinua na língua. Se no território paranaense as áreas linguísticas foram definidas pelas ‘ondas colonizadoras’, podemos encontrar na região Oeste alguns espaços que também esboçam um quadro linguístico representativo da formação histórico-cultural das localidades (BUSSE, 2008. p. 6-12)

A segunda obra analisada é de autoria da professora Eliziane Manosso Streichen, publicada em 2013, pela editora CRV. Professora Eliziane é referência nos estudos sobre surdos e língua de sinais na região Sudeste, pois por longo período dedicou-se à comunidade surda e atualmente leciona na graduação e pós-graduação na universidade. Também, foi minha professora durante a minha primeira graduação (Geografia) e nos cursos de formação e pós-graduação de que tenho participado.

Em seguida, apresentamos a localização, bem como as regiões onde foi estudada a presença ou ausência de variação. No Paraná, as regiões são divididas em mesorregiões e microrregiões, e os fatores que determinam essa divisão são a influência na ocupação da região, os aspectos naturais, culturais, a coletividade e participação em ações de ordem econômica. No total temos 10 mesorregiões, divididas em 39 microrregiões (IPARDES, 2012).

Figura 5 – Mesorregiões do Paraná



FONTE: Dreams time (2022)<sup>12</sup>

A mesorregião Oeste do Paraná concentra o maior número de municípios, sendo ao todo 50, que estão agrupados em três microrregiões: Cascavel, Foz do Iguaçu e Toledo, assim reunidos por sua grande importância econômica, baseada principalmente na agropecuária e agroindústria. Possui identidade histórico-cultural, com perfis singulares e forma de organização social específicos (NASCIMENTO; SCHROEDER, 2009).

A mesorregião Sudeste abrange 21 cidades e está subdividida em 4 microrregiões, localizada no Segundo Planalto do Paraná, também denominado planalto de Ponta Grossa. Desenvolveu uma trajetória de urbanização num ritmo pouco menos intenso que o do próprio Estado, – o Estado do Paraná, no ano de 1970 –, já possuía mais de 36% de sua população vivendo em áreas urbanas. Por volta do ano 2000 esse percentual estava em mais de 80%, enquanto a mesorregião Sudeste iniciou o período de urbanização em torno de 28%, atingindo 53,6% em 2000 (IPARDES, 2009).

Efetuada o levantamento, os sinais escolhidos para serem analisados quanto à variação linguística foram estes: MAGRO, FAMÍLIA, MAMÃE, PAPAÍ, ONTEM, SEPARADO, LONGE, FRIO.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://pt.dreamstime.com/ilustra%C3%A7%C3%A3o-stock-mapa-administrativo-e-pol%C3%ADtico-de-parana-com-bandeira-image90322888>. Acesso em: 1 jun. 2022.

Os sinais escolhidos fazem parte do grupo dos substantivos, advérbios e adjetivos e se repetem nos dois materiais encontrados, apresentando variações em suas sinalizações. Foram escolhidos esses pelo fato de serem encontrados em comum nos materiais e não serem palavras específicas das regiões (as quais podem não apresentar variações e não serem conhecidas).

O nível de análise linguística analisado é o fonológico, pois analisa os parâmetros de cada sinal quanto à configuração de mãos, movimento, local onde o sinal é realizado, expressão corporal, facial, e orientação da mão.

Os sinais analisados no Oeste paranaense foram retirados de material produzido pelo CAS/PR – Regional Oeste da cidade de Cascavel, na apostila *Curso de Libras Básico I*, desenvolvido por professor surdo e intérpretes no ano de 2020.

Os CAS, dentro do Estado do Paraná, visam:

[...] à inclusão social e educacional da comunidade surda, a orientação quanto aos serviços de apoio pedagógicos complementares e suplementares no Atendimento Educacional Especializado aos estudantes surdos e a oferta de formação inicial e continuada aos profissionais da educação de surdos. São instituições mantidas e subordinadas à Secretaria de Estado da Educação do Paraná, por meio dos Núcleos Regionais de Educação onde estão sediados, vinculado diretamente a Departamento de Educação Especial. (CAS/PR, 2019, p. 01)

O segundo material que serviu de respaldo às discussões é o livro *Libras: Aprender está em suas mãos*, da professora doutora, tradutora e intérprete de Libras da Unicentro, *Campus* de Irati, Eliziane Manosso Streiechen, publicado em 2013 pela editora CRV. O livro está dividido em 10 capítulos, trazendo a prática e a teoria da Libras, as quais proporcionam a ampliação e o aprendizado através do vocabulário sobre a língua, e também a possibilidade de pesquisas diversas sobre a Libras.

Os espaços escolares, centros de referência e assistência aos surdos, são locais importantes para a difusão de uma língua. Alunos, professores, tradutores/intérpretes têm a comunicação direta e o contato com mais de uma língua e, assim, novos termos passam a ser fontes de uso diário.

A história da educação, em especial de surdos, foi marcada por um período de grande preconceito e exclusão da própria língua da comunidade surda. Mesmo com as punições, surdos e seus conviventes próximos utilizavam da língua sinalizada de forma escondida, nos banheiros, dormitórios, como forma de manter o contato e a comunicação, mesmo em tempos sombrios.

No tempo atual, faz-se necessário desenvolver estudos investigativos sobre as variações existentes na Língua Brasileira de Sinais (Libras). Para tal, serão analisadas as variações encontradas no Estado do Paraná, inicialmente em duas regiões escolhidas, e, posteriormente,

pretendemos ampliar esse estudo para outras regiões do Estado, até mesmo em outras localidades do país.

Quando a língua de sinais está sendo analisada, deparamo-nos com os estudos da relação entre linguagem e sociedade. Cabe à linguística, portanto, estudar comunidades que usam uma determinada língua, visto que essa apresenta diversidade ou variação, ou seja, a comunidade linguística caracteriza os diferentes modos no uso da língua de sinais.

Esta última, constitui a língua natural das comunidades surdas e não deve ser vista como mímica ou gestos soltos, ou processo facilitador na comunicação dos surdos. A língua de sinais possui estrutura gramatical própria, além dos níveis linguísticos: fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático que caracterizam as línguas naturais. A diferença da língua de sinais é a sua modalidade visual-espacial, ou seja, a informação linguística é captada e recebida pelos olhos e reproduzida pelas mãos.

Portanto, como novas palavras são incorporadas às línguas orais para determinar novos termos ou terminologias, novos sinais são criados também dentro da Libras ou adaptados, ocasionando a variação linguística. Para Perlin e Strobel (2008), uma das marcas da identidade dos surdos é a língua de sinais, assim, torna-se importante valorizar a variação existente como forma de ampliação vocabular, bem como o ensino e a difusão da Libras como forma de comunicação entre seus conviventes e com o mundo externo, ouvinte, sendo elemento importante dentro de sua cultura.

No campo educacional as pesquisas científicas têm um grande valor para a sociedade. Por meio desta pesquisa, buscamos contribuir e avançar para a difusão da língua de sinais na sociedade.

## **CAPÍTULO IV - ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS**

Neste capítulo apresentamos os sinais que serviram de base à pesquisa, bem como as análises encontradas e suas discussões através das comparações dos sinais. Os dados são apresentados com imagem sinalizada pela própria autora. Os sinais são analisados no nível linguístico fonológico, de acordo com os parâmetros que norteiam a língua e fundamentados nas análises pertencentes a sociolinguística.

De acordo com Audrei Gesser (2009, p. 39), “[...] ao se afirmar que todos os brasileiros falam o mesmo português é uma inverdade, assim como dizer que todos os surdos usam a mesma Libras”, fato esse carregado por uma crença de que se os surdos vivem no mesmo país, eles têm consigo a língua padrão de norte a sul do Brasil. Quando se difunde uma afirmação assim, de unidade, nega-se a extensa variedade das línguas existentes, em que nenhuma apresenta uniformidade.

Além do mais, existem muitos outros mitos ou até mesmo crenças equivocadas que permeiam a língua de sinais, até mesmo a Libras no Brasil. Trazemos, na sequência, uma breve explanação sobre estes mitos que influenciam nas variações e em seu entendimento, no entanto, pretendemos dar continuidade e aprofundamento em pesquisas futuras.

### **4.1 Língua de sinais é universal?**

A crença ou mito mais recorrente é quando se fala que a língua de sinais é universal, pois se tem a ideia das línguas sinalizadas como códigos, sendo transmitidos aos surdos de forma geral, de forma que todos os surdos compreendem esses códigos (GESSER, 2009). Em nossa dissertação, explanamos um pouco a respeito deste mito, pois o essencial para conhecer a língua sinalizada é saber que cada país possui sua língua, e que tem própria estrutura e gramática. A Libras é a língua de sinais do Brasil, não será encontrada em outros países.

#### **4.1.1 Língua ou linguagem de sinais?**

Não é correto o uso do termo “linguagem”, pois a nível de Brasil temos línguas oficializadas, a Língua Portuguesa e a Língua Brasileira de Sinais. De acordo com Streiechen e Stelle (2013, p. 6), “[...] certamente, nunca ouviremos um brasileiro pronunciar ‘linguagem portuguesa’, ou ‘meu idioma é a linguagem portuguesa’. Por isso, devemos observar que a mesma regra se aplica à Libras”.

#### **4.1.1.1 Língua de sinais são gestos, mímica?**

Assumir essa ideia é o mesmo que acreditar que surdos não têm língua e não conseguem se expressar, são tidos como anormais e deficientes. Sinais não são gestos e jamais serão, ao usar a língua sinalizada, os surdos expressam sentimentos, emoções, ideias, e podem discutir temas sociais do dia a dia, contar histórias, fazer teatro, entre outros, sem qualquer problema de comunicação (GESSER, 2009).

##### **4.1.1.1.1 As línguas de sinais não são naturais?**

As línguas sinalizadas são naturais, elas evoluem e se transformam com o passar do tempo. São línguas “não naturais ou artificiais” as criadas pelos homens para um fim específico (GESSER, 2009). Geralmente, são criadas línguas artificiais em filmes, cinemas, entretenimento.

Diante disso, trouxemos aqui uma breve discussão sobre alguns dos mitos mais evidentes quando estudamos línguas sinalizadas e, para conhecimento, esses mitos diminuem a riqueza linguística que a língua apresenta. Há muitos outros mitos que temos para discutir, mas que serão abordados em pesquisas futuras.

Ainda, para Gesser (2009, p. 39-41):

A variação linguística parte da análise dos níveis fonológico (pronúncia), morfológico (palavras) e sintático (sentenças) e estão ligadas aos fatores sociais de idade, gênero, raça, educação e situação geográfica. Assim, os surdos adultos e adolescentes variam em seus sinais, da mesma forma que os surdos cearenses, paranaenses, cariocas... Conforme a língua de sinais passa, “de mão em mão”, ela vai adquirindo novos “sotaques”, empresta e incorpora novos sinais, mescla-se com outras línguas em contato, adquire novas roupagens. O fenômeno da variação e da diversidade está presente em todas línguas vivas, em movimento.

Nas práticas sociais de uso da língua entre sujeitos surdos e no contato com outros surdos e ouvintes, cria-se um multilinguismo, fazendo com que a língua apresente suas variações e continue viva. Outro ponto que merece destaque é a existência de mudança nos sinais, em que os “velhos sinais” não serão mais aceitos, ou que são considerados errados a partir de então. Crença equivocada, pois esses enriquecem a língua, carregam significados e certa história, pois nada é criado ao acaso.

Os sinais analisados têm suas diferenças mesmo dentro do próprio Estado (PR), mas não partimos do pressuposto de que há uma variante correta e outra errada, não, as variações encontradas são geralmente em relação ao ponto de articulação (lugar onde o sinal é realizado), outras apresentam configuração de mão diferenciada, conforme serão mencionadas (sinalizados) abaixo, não ocasionando nenhum desentendimento ou falta de compreensão dos sinais.

Há também as variações consideradas como padrão e não padrão, ou seja, variações que terão alterações, mesmo que locais, mas que mesmo assim são utilizadas as variações já anteriormente conhecidas. De acordo com Coelho *et al.* (2012, p. 27), “[...] as variantes padrão são, grosso modo, as que condizem com as prescrições dos manuais de norma padrão; já as variantes não padrão se afastam desse modelo”.

As variações linguísticas observadas nos sinais é o que procuramos analisar, mostrando quais são essas variantes para cada sinal, e as mudanças ou parâmetros que elas apresentam (ponto de articulação, movimento, configuração de mão, expressão facial ou corporal e orientação da mão).

É importante afirmar que elas ocorrem pela mudança de lugar ou as transformações que a língua sofre ao longo do tempo, com o surgimento de novas palavras ou expressões que aconteceram de acordo com a língua, influenciadas a partir da posição geográfica e no decorrer dos anos.

A seguir, apresentamos 8 sinais da classe dos substantivos, advérbios e adjetivos, que apresentam variação linguística dentro do Estado do Paraná. Foram escolhidos esses sinais pelo fato de estarem presentes nos dois materiais pesquisados, permitindo uma análise comparativa entre as duas regiões selecionadas na pesquisa.

Os sinais variam de acordo com os parâmetros específicos da Libras (os quais são descritos em cada quadro). Destacam-se em variação padrão e não padrão, apresentam ainda variações sociais do dia a dia e características específicas de cada região.

Quadro 7 – Sinal de MAGRO

MAGRO	MAGRO
	
<p>CM: mão fechada, com dedo mínimo para cima, palma para frente. M: não apresenta. L: em frente ao corpo, espaço neutro. O: para baixo. ENM: bochechas retraídas para dentro.</p>	<p>CM: mão fechada, com dedo mínimo para cima, palma para trás. M: não apresenta. L: em frente ao corpo, espaço neutro. O: para baixo. ENM: bochechas retraídas para dentro.</p>

FONTE: Acervo da autora (2022)

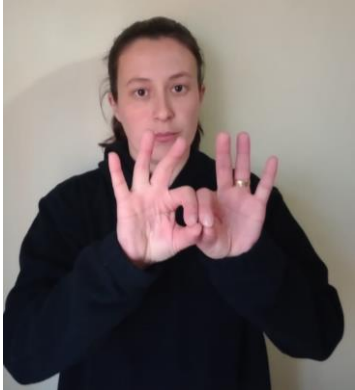

No sinal MAGRO, tanto para substantivo quanto para adjetivo, o sinal é realizado da mesma forma, não há um sinal específico para a classe gramatical diferenciada, a variação encontrada é quanto ao uso das mãos, em que na região Oeste é realizada com as duas mãos e na região Sudeste com apenas uma das mãos. A expressão facial comprime as bochechas para dentro nas duas regiões pesquisadas. O ponto de articulação (espaço neutro) é o mesmo. A direção da mão tem sequência para baixo. Para sinalizar a palavra magro, na região Oeste ocorre a utilização das duas mãos e na região Sudeste apenas uma das mãos é utilizada.

A análise linguística observada nesse sinal é a variação da unidade mínima composta do articulador primário da língua de sinais, a configuração das mãos, que em determinado momento é realizada com a palma da mão para frente (região Sudeste); e palma voltada para o sinalizante (região Oeste), realizada com uma das mãos e no outro com as duas mãos. Nesse caso, o mesmo sinal pode ser articulado com a mão direita ou esquerda, não influenciando no significado do sinal.

As variações observadas correspondem à variação diatópica, conhecida por variação regional ou geográfica, a qual indica como uma pessoa fala ou sinaliza. Assim, na região sudeste, a variável corresponde à variação padrão, pois pode ser encontrada em outros materiais disponíveis e mais conhecidos pelos surdos. No entanto, mesmo com a variação, o sinal da região oeste é facilmente compreendido, não ocasionando desentendimento.



Quadro 8 – Sinal de FAMÍLIA

Região Oeste do Paraná FAMÍLIA	Região Sudeste do Paraná FAMÍLIA
 <p data-bbox="347 752 751 875">           CM: dedo indicador e polegar unidos            M: circular            L: em frente ao corpo, espaço neutro.            O: direita esquerda formando um círculo         </p>	 <p data-bbox="900 752 1342 875">           CM: mãos em F            M: circular            L: em frente ao corpo, espaço neutro.            O: direita esquerda formando um círculo         </p>

FONTE: Acervo da autora (2022)



Para o sinal de FAMÍLIA, o parâmetro que sofre variação é a configuração de mãos, o ponto de articulação é o mesmo, assim como o espaço, não sofre variação. Na imagem da região Oeste, polegar e indicador se unem formando um círculo pequeno e em seguida se movem em forma de curva até os dedos mínimos se tocarem pelos lados. Na região Sudeste, a configuração de mãos se apresenta em “F”, seguindo em forma de curva para a frente até a união dos dedos mínimos pelos lados. Não há variação no parâmetro expressão facial e movimento.

Nesse caso, a configuração de mão (CM), segundo Brito (1995), pode ser entendida como a mão que toma frente durante a realização do sinal. Na região Sudeste, a configuração de mão está em F, ou seja, um empréstimo da língua portuguesa no formato da configuração (em F, de família), como os surdos costumam associar; não é entendida como português sinalizado, mas faz associação à letra correspondente ao alfabeto manual do português.

Na região Oeste, os dedos são unidos na realização do sinal de família, a configuração usada não remete ao português. É visto como um novo sinal pelos surdos, ou seja, um sinal que teve reformulações com o passar dos anos. Em diálogo com os surdos, eles consideram como “união”, pois muitos sinais tiveram novos formatos e passaram a ter uma nova configuração em sua realização.

Dessa forma, nos estudos sociolinguísticos são apontados que gerações mais novas usam a língua de forma diferente dos seus pais, e mais diferente ainda dos seus avós, pela convivência com seus pares estar mais difundida, além dos meios tecnológicos que auxiliam nesse processo e assim promovem o surgimento de novos sinais, resultando na variação.

Quadro 9 – Sinal de MAMÃE

Região Oeste e Sudeste do Paraná (variação 1) MAMÃE	Região Oeste do Paraná (variação 2) MAMÃE
 <p data-bbox="411 842 742 965">           CM: em A, depois fecha em S            M: não apresenta            L: na bochecha            O: para baixo mais bênção.         </p>	 <p data-bbox="1102 842 1289 965">           CM: mão em A            M: não apresenta            L: na bochecha            O: lado do rosto         </p>

FONTE: Acervo da autora (2022)

Para o sinal de MAMÃE foi encontrada apenas uma variação, na qual a configuração de mão (em mão fechada) é realizada na lateral do rosto; já o sinal composto (mulher (polegar tocando a lateral do rosto) + bênção (beijo no dorso da mão) = mamãe) pode ser encontrado nas duas regiões analisadas. É um sinal que não apresenta expressão facial ou movimento.

O dedo polegar, ao tocar a bochecha, indica delicadeza e carinho, tratamento de respeito com a mulher. Já a configuração de mão simbolizando a “bênção”, mostra-nos que culturalmente o respeito para com as pessoas de mais idade, ou seja, para os mais jovens o pedido de bênção mostra que -alguém de mais idade tem mais autoridade sobre os mais novos. Assim, o sinal de mamãe demonstra a autoridade materna e que a ela é necessário obedecer as ordens impostas.

Dentro da análise sociolinguística, é uma variável social, etária, pois remete ao respeito matriarcal. A faixa etária vem de uma atitude de respeito aos protetores da família, que detém mais responsabilidade (poder) sobre os mais jovens.

Mesmo com as duas variações, nas duas regiões encontramos os sinais de variação padrão e não padrão. Na variação padrão, temos o sinal de mulher + bênção; quanto à variação não padrão (2), é encontrada apenas na região Oeste, sendo classificado como um sinal regional.

Quadro 10 – Sinal de PAPAÍ

Região Oeste e Sudeste do Paraná (variação 1)  
PAPAÍ



CM: mão em C no queixo mais mão em S (sinal de bênção)

M: não apresenta

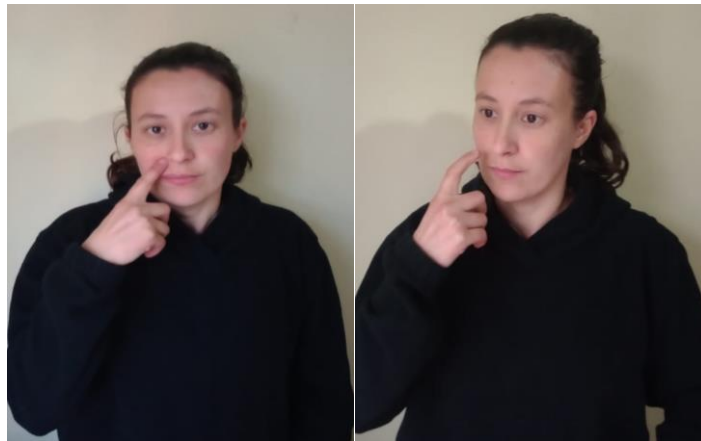
L: queixo e em frente a boca

O: para baixo

FONTE: Acervo da autora (2022)

Quadro 11 – Sinal de PAPAÍ

Região Oeste do Paraná (variação 2)  
PAPAÍ



CM: mão em D

M: não apresenta

L: no canto da boca

O: para frente

FONTE: A autora (2022)



Para a realização do sinal PAPAÍ, utiliza-se uma das mãos em formato de C (quadro 10), dedos tocando cada lado do queixo, mão para baixo, unindo as pontas dos dedos, em seguida, beijar o dorso da mão. A variação encontrada foi na região Oeste quanto à configuração de mãos, locação (quadro 11), na qual o sinal é feito com o dedo indicador próximo ao canto

da boca e o dedo se move para baixo. Em relação aos demais parâmetros, não há variação (expressão facial, movimento).

Na classificação de variações padrão e não padrão, temos o sinal de homem + bênção, encontrado nas duas regiões, classificado em variação padrão. Já a variante (2) na região oeste, coloca-se como não padrão, por ser um sinal regional, usado especificamente naquela localidade.

Na análise dos aspectos sociais, o homem (o genitor da família) possui barba e bigode. A configuração da “bênção” apresenta os costumes tradicionais, o gênero masculino como autoritário se mantém, remetendo à figura do pai como protetor da família e dos filhos, por isso o sinal mostra o respeito e a dignidade que ele deve ter.

Quadro 12 – Sinal de ONTEM

Região Oeste do Paraná ONTEM	Região Sudeste do Paraná ONTEM
 <p data-bbox="363 1464 735 1585">           CM: mão em L, palma para frente            M: para traz, noção de passado            L: na têmpora            O: para trás         </p>	 <p data-bbox="911 1464 1331 1585">           CM: mão em L, com palma para baixo            M: para trás            L: na bochecha            O: para trás         </p>

FONTE: Acervo da autora (2022)

Para a realização do sinal ONTEM, a configuração da mão é em L, palma para a frente, apontando o dedo indicador para trás. Na região Oeste do Estado, o sinal é realizado na têmpora; e na região Sudeste, na bochecha, com palma para baixo, em seguida apontando o dedo indicador para trás, também dando ideia de passado. O parâmetro que sofre variação é o ponto de articulação ou locação, ou seja, o lugar em que é realizado o sinal. Não possui expressão facial. Para este sinal, a mão gira no sentido anti-horário, dando a ideia de representação de algo passado, que ficou para trás.

De acordo com Ferreira-Brito (1995), a locação é um dos elementos importantes que constituem o sinal, podendo apresentar certa variação, como, por exemplo, o sinal realizado na têmpora no mesmo lado da mão que a configura, porém, em outro contexto, o mesmo sinal pode ser produzido mais baixo, na altura da bochecha. Dentro do campo linguístico, constitui o processo fonológico análogo ao observado na fala.

Quadro 13 – Sinal de SEPARAÇÃO (estado civil)



FONTE: Acervo da autora (2022)

Quadro 14 – Sinal de SEPARAÇÃO (estado civil)





FONTE: Acervo da autora (2022)

Para o sinal de SEPARADO (estado civil), a configuração de mãos se apresenta com as mãos horizontais abertas, dedos para a frente e palmas para os lados opostos, sinal realizado em frente ao peito. Não apresenta expressão facial. O sinal ocorre de forma composta, mãos unidas pelas palmas, em seguida, as mãos se separam e seguem lados opostos. Sinal realizado também em frente ao peito, sem possuir expressão facial.

A orientação manual segundo Ferreira Brito (1995) é a direção da palma da mão durante a realização do sinal. A mão pode estar voltada para cima, para baixo, para frente, lados opostos, podendo ou não se modificar. Já Quadros e Karnopp (2004), consideram a orientação da mão, durante a sinalização, como uma unidade fonológica, pois há mudança no significado de sinais quando à orientação da mão muda.

Mesmo que os dois sinais mostrem separação como estado civil, na região Oeste percebemos que é um sinal composto, sendo realizado o sinal de casar ou casamento e, em seguida, separação. Também é um sinal que ainda vigora o conservadorismo, em que, a partir do casamento, no momento em que não é mais possível a união (entre mulher e homem), ocorre a desunião. Na região Sudeste é realizado apenas um sinal, em que simplesmente ocorre uma separação civil, porém, o sinal não está voltado à união matrimonial.

Quadro 15 – Sinal de FRIO

Região Oeste do Paraná FRIO	Região Sudeste do Paraná FRIO
 <p data-bbox="384 1749 619 1843">CM: mão em X M: tremular o queixo L: no queixo</p>	 <p data-bbox="946 1749 1294 1843">CM: mãos em S M: não apresenta L: em frente ao corpo (no peito)</p>

FONTE: Acervo da autora (2022)

Para o sinal de FRIO, nas duas regiões analisadas os sinais têm variações em mais de um parâmetro. No Oeste, a configuração da mão ocorre em X, batendo a lateral do indicador no queixo, com a expressão facial de encolher os ombros e tremer (de frio).

No Sudeste, o sinal é realizado com as duas mãos em S, próximas uma da outra, realizado no peito, os ombros são encolhidos e trêmulos para os lados, a expressão facial com sobrancelhas franzidas, demonstrando estar sentindo frio.

As expressões faciais ou corporais, caracterizadas como não manuais (ENM), referem-se aos movimentos da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco, designam as diferenciações entre itens lexicais e sintáticas, como, por exemplo, sentenças interrogativas, exclamativas, negativas ou afirmativas, que dão vida e entonação ao sinal (ORSELLI, 2017).

De acordo com Capovilla *et al.* (2017), os dois sinais encontrados tratam de um morfema semelhante à gestualidade brasileira e o sinalizador faz a pantomima típica de que está com frio. Dessa forma, fica claro que a pessoa está sentindo algo e através de sua expressão torna-se um marcador indispensável durante o sinal.

Quadro 16 – Sinal de LONGE

Região Oeste do Paraná (variação 1)  
LONGE



CM: mão em D, dedo para frente  
M: helicoidal  
L: espaço neutro  
O: demonstra distância

FONTE: Acervo da autora (2022)



## Quadro 17 – Sinal de LONGE

Região Oeste e Sudeste do Paraná (variação 2)  
LONGE



CM: mãos abertas, palma para o lado, dedo indicador e polegar unidos  
M: de distância, afastar para a esquerda as mãos  
L: espaço neutro  
O: para os lados opostos

FONTE: Acervo da autora (2022)

Para o sinal LONGE foram encontradas duas variações, sendo a primeira na região Oeste, em que há a configuração da mão em D, movendo para cima e para frente, a expressão facial é marcada por sobrancelhas franzidas, demonstrando estar distante; A segunda variação, – também presente na região Oeste e Sudeste são realizadas com as mãos abertas –, polegar e indicador unidos, sinal realizado em frente ao corpo, com movimento de afastar para a esquerda as mãos, sobrancelhas franzidas, indicando uma longa distância.

Os sinais acima descritos trazem variações em cada região, seja em relação à configuração das mãos, o movimento, o ponto de articulação ou ao local onde são realizados cada um. Nessa fase, os marcadores não manuais vêm carregados de intensidade e estão em maior presença nos advérbios, em específico aqui, advérbio de lugar.

Mesmo dentro do próprio Estado pudemos encontrar variações bem específicas, modos de sinalizar diferenciados, mostrando, assim, que a Libras é uma língua viva e que tem suas características próprias, sofrendo variações e transformações ao longo do tempo, pois seus usuários estão em constante atualização, como acontece em todas as línguas naturais.

Os sinais apresentados não comprometem o entendimento sobre a língua, ao contrário, enriquecem e ampliam o vocabulário já existente e mostram que cada região tem sua identidade, sua colonização e características específicas que irão influenciar na sinalização.

Quando ocorrem trocas linguísticas, as principais variações estão presentes nos mais diferentes contextos sociais, familiares, educacionais, culturais e históricos. A linguagem se



constitui num processo discursivo e se materializa através da língua, portanto, as mudanças renovam as palavras e transformam-nas através da interação entre os sujeitos na diversidade de valores, pensamentos e experiências.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das maiores necessidades do ser humano é a comunicação. Na busca por sobrevivência, fomos e somos capazes de criar códigos linguísticos – ou signos linguísticos –, que sejam capazes de proporcionar interação, desenvolver algo que possa compartilhar com os demais. Ao longo da história, as técnicas foram aperfeiçoadas e desenvolvidas para a sobrevivência, e assim a comunicação por meio da linguagem ou expressão também se mostraram necessárias no processo comunicativo, através da expressão facial e corporal, o movimento de nossos corpos, uso das mãos no desenvolvimento de línguas sinalizadas.

Ao estudar a variação linguística na língua sinalizada, na Libras, constatamos que se trata de um tema amplo, e quando compreendemos que estudamos línguas vivas, concluímos que nada está concluído ou finalizado. Nesta pesquisa, portanto, buscamos salientar que a Libras é uma língua viva e está sujeita a inúmeras variações que podem se transformar em mudanças que vão ocorrer na própria comunidade surda.

Os objetivos desta dissertação foram alcançados, pois obtivemos por meio dos materiais consultados, fontes e dados que possibilitaram a análise, alguns sinais apresentaram semelhanças, outros, significativas diferenças. As regiões selecionadas apresentam características geográficas específicas de colonização, modos de vida, cultura própria, o que geram variações linguísticas.

Inicialmente, partimos de pressupostos teóricos para a reflexão sobre a variação linguística como um todo, procurando entender as características que fazem parte dessa língua, em seguida, fomos em busca dos sinais – pontos-chave da pesquisa – e fizemos um levantamento inicial de todos os sinais disponíveis nos dois materiais, a partir disso, efetuamos a seleção dos sinais iguais encontrados para posterior análise das variações.

Com isso pudemos comprovar, através da pesquisa e análise dos sinais, que esses apresentaram as variações linguísticas anteriormente hipotetizadas, concluindo que: os sinais apresentam variação; eles vão possibilitar análises específicas em relação aos objetivos propostos; as variações contemplam entendimento linguístico; a Libras não é uma língua universal, pois possui variedades; encontramos sinais diferentes em outras regiões com o mesmo significado, mas com parâmetros que variam.

Para explicá-los, baseamo-nos em literatura específica, a qual proporcionou embasamento teórico para a compreensão de como ocorre esse processo. As variações

encontradas são em relação aos parâmetros que a Libras possui, conforme descritos no Capítulo I.

O parâmetro que mais apresentou mudança foi a configuração de mãos, CM, sendo encontrado em sete dos sinais analisados. De acordo com Quadros e Karnopp (2004), o parâmetro que mais sofre variação é este, pois na realização dos sinais usamos as mãos, essas se movimentam no espaço em frente ao corpo, articulando os sinais. Um sinal pode ser articulado com uma ou duas mãos. Na pesquisa contamos com o sinal de MAGRO, cuja configuração, em uma das regiões, foi usada uma das mãos e, no outro sinal, foram utilizadas as duas mãos. Os demais sinais mudaram a forma da configuração da mão, mas foram realizados com uma ou com as duas mãos dominantes, conforme indicam as imagens descritas anteriormente.

Quanto ao uso das mãos, direita para destros e esquerda para canhotos, essa escolha, portanto, não é distintiva e não compõe parâmetro de variação linguística. Os sinais articulados com uma das mãos são produzidos pela mão dominante, a depender dos usuários.

O segundo parâmetro mais recorrente nos sinais analisados é a locação, ou seja, é a área ou parte do corpo em que o sinal será articulado, podendo apresentar um número finito de locações. No entanto, algumas são capazes de ter mais exatidão, tais como a ponta do nariz e outros que são mais abrangentes, como a frente do tórax (FERREIRA BRITO E LANGEVIN, 1995; QUADROS E KARNOPP, 2004).

Para Quadros e Karnopp (2004), o espaço de formulação do sinal é um espaço ideal, podendo ser reposicionado ou reduzido. Mas é importante que nessas situações as locações tenham posições pertinentes à sinalização e não fiquem “soltos” ou sem significado.

O terceiro parâmetro de maior presença analisado foi o uso de expressão facial ou expressão não manual (ENM), que dentro das línguas de sinais possuem traços discursivos, semânticos e morfológicos integrantes do significado de um sinal. As ENM encontram-se presentes nos enunciados das LS, mostrando traços afetivos e gramaticais, carregadas de conteúdo e significado que podem ser interpretados, além do mais, uma frase ou palavra constituída de expressões pode vir carregada de mais significado (QUADROS, STUMPF E LEITE, 2013).

Também encontramos sinais que possuem variação social e regional. Nos exemplos de PAPAI e MAMÃE, principalmente na região Oeste do Paraná, é possível observar que os sinais seguem uma descendência específica do lugar, pois em outros materiais não encontramos variação padrão ou não padrão semelhantes.

De fato, a Libras é uma língua viva, natural, está ativa e sujeita aos mais diversos fenômenos, dentre eles, o da variação linguística. Ela apresenta alterações de acordo com a necessidade do falante, a depender do lugar onde esteja (variação e influência cultural regional), dessa forma, com o tempo algumas palavras caem em desuso e surgem outras para substituir.

Outro ponto que merece atenção a respeito das variações é que essas não podem ser caracterizadas como erros, devido às mudanças ocorridas ou por parte do indivíduo que está sinalizando, trata-se de um fenômeno natural que ocorre na língua.

A variação linguística na Libras acontece, portanto, assim como nas demais línguas orais ou sinalizadas, de forma natural, pois a partir do momento que seus usuários entram em contato com outras regiões ou sinalizantes, o repertório de sinais fica mais diversificado. Outro fator que interfere na variação nos sinais se dá pelo fato de que a Libras presente no Brasil, país onde a maioria das pessoas usa a língua portuguesa, faz com que o contato do sujeito surdo com a língua portuguesa interfira também em suas produções linguísticas (MACHADO; WEININGER, 2018).

Concluimos, então, que a variação presente na língua de sinais é característica e objetivo de estudos da sociolinguística, pois esta analisa os fenômenos que ocorrem dentro da língua, levando em conta a comunicação em sociedade, o contexto sociocultural e a história de uma determinada comunidade de fala. Afinal, as pessoas de uma comunidade linguística interagem e compartilham conjuntos de normas com respeito aos usos linguísticos.

Os materiais estudados nesta dissertação foram delimitados e, mesmo assim, encontramos sinais que apresentam variação. Salientamos que não é uma pesquisa finalizada, pois pretendo analisar em estudos posteriores mais obras e outras regiões do Estado do Paraná, registrando maior vocabulário encontrado no mesmo Estado.

Com as discussões empreendidas, frisamos também que, para a Linguística, não há variantes melhores nem piores em um sistema linguístico. Há variantes de prestígio, estigmatizadas ou neutras. No campo educacional, o reconhecimento da variação linguística e sua correlação com a heterogeneidade social vem mudando de modo radical as concepções de língua e ensino de língua nas diretrizes oficiais e na prática pedagógica em sala de aula (BAGNO, 2008).

A diversidade presente nos sinais não atrapalha a comunicação entre as pessoas surdas, pelo contrário, faz com que haja ampliação de vocabulário e horizontes de conhecimento, instigando cada vez mais a busca por aprendizado, compreendendo e fortalecendo as línguas de sinais e a cultura da comunidade surda.

Como nas demais línguas, notamos que a Libras possui uma grande diversidade nas variações linguísticas, mesmo que algumas dessas variantes sejam rejeitadas, processo natural que ocorre em qualquer língua e na Libras não seria diferente, pois favorece mecanismos diversos aos seus usuários, possibilitando ampliação lexical e maior valorização da língua, o repertório de seus vocabulários aumenta com novos sinais introduzidos por surdos devido às mudanças culturais e tecnológicas que ocorrem na sociedade.

De acordo com os estudos e experiência de muitos autores, no passado, as variações ocorriam de forma diferente da atualidade. Porém, há comunidades que ainda permanecem com sua própria variedade linguística, resistindo às mudanças históricas e sociais, por considerar que mudanças apresentam ameaças à identidade e à cultura do grupo (CASTRO; AQUINO, 2019).

No entanto, muitos sinais foram criados em pequenas comunidades surdas e, com o passar do tempo, foram modificados, sofreram variações, e outros sinais foram fadados ao esquecimento. Quando há falta de registro desses sinais, pesquisas não se tornam viáveis e o resgate histórico cultural dessa comunidade ou desses pequenos grupos fica à deriva. Nesse sentido, pesquisadores são guardiões desse conhecimento, essencial ao desenvolvimento de uma comunidade, afinal o patrimônio linguístico é o legado que a mantém viva e pertencente a uma sociedade.

De acordo com Loregian-Penkal (1996), quando explicamos o fenômeno da variação linguística, precisamos considerar os fatores internos e externos à língua, os quais condicionam a realização de uma regra variável, ou seja, quando faz relação com o contexto e a classe social, a ocupação dos indivíduos, entre outros fatores.

Vale ressaltar que a língua de sinais foi alvo de preconceito por muitas décadas, por diversos motivos. Era considerada código artificial na comunicação com os surdos, vista, não raro, como uma linguagem e não uma língua, além de ser vista como prejudicial ao aprendizado da língua oral. Alguns desses preconceitos permanecem arraigados à sociedade até os dias atuais, pela falta de conhecimento e aceitação em relação à língua natural da pessoa surda.

Mesmo no Brasil, antes do ano 2002, a Língua de Sinais não tinha *status* de Língua, sendo considerada como linguagem. Somente após a criação da Lei 10.436 de 24 de abril de 2002, que a língua passou a ser reconhecida e admitida como uma língua que possui estrutura gramatical própria como as demais línguas, podendo ser expressada por meio dos sinais (XAVIER, 2018). No entanto, mesmo com a aceitação, a língua ainda é alvo de preconceito linguístico, causado pelo desconhecimento da sociedade ouvinte.

Discutir sobre as variantes na língua de sinais é um passo importante para a comunidade surda e ouvinte, mesmo que algumas das variantes não sejam aceitas, no entanto, como faz parte de uma língua, os processos linguísticos vão ocorrer e compor a história. Durante a pesquisa, percebemos a diferença entre a variação regional e a variação gramatical, variação padrão e não-padrão, no entanto, buscamos mostrar a possibilidade de se analisar a variação linguística em Libras.

Após o levantamento bibliográfico e as reflexões durante a pesquisa, identificamos a necessidade de mais pesquisas em torno das línguas de sinais e, como mencionado nas palavras iniciais desta dissertação, o objetivo sempre foi estudar algo voltado aos surdos e sua língua. A oportunidade veio e, assim, deixou aberta a possibilidade de continuação e ampliação da pesquisa, pois a Libras é uma língua bastante utilizada em nosso país, seja por surdos ou ouvintes, e precisa ser descrita e analisada para que se torne cada vez mais conhecida. Com isto, estamos valorizando e contribuindo cada vez mais para a difusão e manutenção da diversidade linguística do Brasil.

Figura 6 – Acessibilidade em Libras



FONTE: GOV.BR (2022)<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/ondh/centrais-de-conteudo/imagens/libras.png/view>. Acesso em: 08 nov. 2022.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA-SILVA, Anderson; NEVINS, Andrew Ira. Observações sobre a estrutura linguística da Cena: a língua de sinais emergente da Várzea Queimada (Piauí, Brasil). **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 23, n. 4, p. 1029-1053, out./dez. 2020.
- ARNT, Rosamaria; SCHERRE, Paula (Orgs.). **Dicionário [livro eletrônico]:** rumo à civilização da religião e ao bem viver. Fortaleza, CE: Editora da UECE, 2021.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico:** o que é, como se faz. 49. ed., Edições Loyola, 2007.
- BIDARRA, Jorge; MARTINS, Tania Aparecida; SEIDE, Márcia Sipavicius. **Entre a Libras e o Português:** desafios face ao bilinguismo. Cascavel/PR. EDUNIOESTE, Londrina: EDUEL, 2016.
- BORGES NETO, José. **Ensaio da filosofia da linguística.** São Paulo: Parábola, 2004.
- BORIN, Maísa Augusta (Org.). **Sociolinguística 3º semestre.** Santa Maria: UFSM, 2010.
- BRASIL, Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 2002.
- BRASIL. Decreto n. 5626, de 22 de dezembro de 2005. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10098, de 19 dez. 2000. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 2005.
- BRITO, Lucinda Ferreira. **Por uma gramática de línguas de sinais.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- BUSSE, Sanimar. Atlas Linguístico-etnográfico da região Oeste do Paraná/ALERO: um estudo do movimento das línguas e dos dialetos no espaço e no tempo. *In: Anais do Celsul*, 2008. Disponível em: [http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL\\_VIII/atlas\\_linguistico\\_etnografico.pdf](http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL_VIII/atlas_linguistico_etnografico.pdf). Acesso em 20 nov. 2022.
- CABRAL, Marina da Silva. **Um breve percurso sobre a história da linguística e suas influências na sociolinguística.** uox, n. 02, 2014/1.
- CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Wakiria Duarte; TEMOTEO, Janice Gonçalves, MARTINS, Antonielle Cantarelli. **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil:** A Libras em suas mãos. São Paulo: Editora da USP, 2017.
- COELHO, Izete Lehmkuhl *et al.* **Sociolinguística.** Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.
- CASTRO, Ana Keila da Silva; AQUINO, Ana Cleide Vieira Gomes Guimbal de. Variação linguística no léxico da língua brasileira de sinais: uma abordagem teórica. *In: LIMA, José Willen Brasil et al.* (Orgs.). **A surdez em múltiplos (con)textos:** educação, tecnologia e saúde [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Editora Fi, 2019.

CORREA, Rosemeri Bernieri de Souza. **A complementaridade entre língua e gestos nas narrativas de sujeitos surdos**. (2007). Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis (SC), 2007.

COSTA, Edivaldo da Silva; NASCIMENTO; Leoni Ramos Souza; PRATES, Magno Prado Gama. KARAI JE'EHA JAKWARAHÃ! (Comunique-se bem!): Um estudo sobre as línguas de sinais das terras indígenas. **Revista Humanidades e Inovação**, Tocantins, v. 8, n. 37, p. 20-35, 2021.

CRUZ, Gilmar Carvalho; GLAT, Rosana. Educação inclusiva: desafio, descuido e responsabilidade de cursos de licenciatura. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 52, p. 257-273, 2014. Disponível em <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/educar/article/viewFile/32950/22650>. Acesso em: 26 out. 2022.

DANTAS, Cristiane Regina Silva. **Variações linguísticas em Libras**: Um estudo das variações diatópicas das cidades de Macaé e Rio de Janeiro. (2018). Dissertação (Mestrado em Cognição e Linguagem) – Universidade Estadual Norte Fluminense, Campo dos Goytacazes (RS), 2018.

DELIBERATO, Débora. Linguagem, interação e comunicação: competências para o desenvolvimento da criança com deficiência não oralizada. *In*: NUNES, Leila. Regina. d'Oliveira de Paula; SCHIRMER, Carolina Rizzotto (Org.). **Salas abertas**: formação de professores e práticas pedagógicas em comunicação alternativa e ampliada nas salas de recurso multifuncionais [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2017, p. 299-310.

ETTO, Rodrigo Mazer; CARLOS, Valeska Gracioso. Sociolinguística: o papel do social na língua. **Revista Anhanguera**, Goiânia, v. 18, n. 1, p. 14-25, 2017. Disponível em: [https://anhanguera.edu.br/wp-content/uploads/02\\_sociolinguistica\\_o\\_papel\\_do\\_social\\_na\\_ling.pdf](https://anhanguera.edu.br/wp-content/uploads/02_sociolinguistica_o_papel_do_social_na_ling.pdf). Acesso em: 02 dez. 2022.

FELIPE, Tanya A; MONTEIRO, Myrna Salerno. **Libras em Contexto**: Curso Básico. Livro do Professor. 6. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2005.

FERNANDES, Sueli. **Língua Brasileira de Sinais – Libras –**. 1.ed. Curitiba: IESDE Brasil, 2018.

FERNANDES, Sueli; MOREIRA, Laura Ceretta. Políticas de educação bilíngue para estudantes surdos: contribuições ao letramento acadêmico no ensino superior. **Educar em Revista**, Curitiba, n. especial 3, p. 127-150, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/NN3yMpLvBXXjd3KcYQ384gp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 set. 2022.

FRYDRYCH, Laura Amaral Kümmel. **O estatuto Linguístico das línguas de sinais**: a Libras sobre a ótica Saussuriana. Dissertação. 2013,

FORSTER, Renê. **Desfazendo Mitos e Mentiras Sobre Línguas de Sinais**. (2013) Dissertação (Mestrado em Teorias do Texto e do Discurso) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.



GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa, UAB/UFRGS e SEAD/UFRGS**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GESSER, Audrey. **LIBRAS? Que língua é essa?** crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GOMES, Elenira Oliveira. Introdução histórica da língua de sinais kaapos. **Revista Em favor de igualdade racial**, Rio Branco, v. 3 n. 1, p. 33-41, ago./jan. 2020.

IPARDES. **Mesorregião Geográfica Sudeste Paranaense**. Curitiba: IPARDES, BRDE, 2004. Disponível em: [http://www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/leituras\\_reg\\_meso\\_sudoeste.pdf](http://www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/leituras_reg_meso_sudoeste.pdf). Acesso em: 18 set. 2022.

IPARDES. **Relação dos municípios do estado ordenados segundo as mesorregiões e as microrregiões geográficas do IBGE – Paraná**. Curitiba: IPARDES, 2012. Disponível em: [http://www.ipardes.gov.br/pdf/mapas/base\\_fisica/relacao\\_mun\\_micros\\_mesos\\_parana.pdf](http://www.ipardes.gov.br/pdf/mapas/base_fisica/relacao_mun_micros_mesos_parana.pdf). Acesso em: 2 jun. 2022.

KARNOPP, Lodenir. **Fonética e fonologia**. Apostila do curso de Letras-Libras licenciatura e bacharelado. Florianópolis: UFSC, 2006.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

LIMA, Geralda de Oliveira Santos; FREITAG, Raquel Meister Ko. **Sociolinguística**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2010.

LOREGIAN- PENKAL, Loremi. **Concordância verbal com o pronome tu na fala do sul do Brasil**. (1996). Dissertação (Mestrado em Letras/Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1996.

LUCCHESI, Dante. A periodização da história sociolinguística do Brasil. **D.E.L.T.A.**, v. 22, n. 2, p. 347-382, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/NGxLPBSqNXYNghFtwqrrwgh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 mar. 2022.

MACHADO, Vanessa Lima Vidal; WEININGER, Markus Johannes. As variantes da língua brasileira de sinais – LIBRAS. **Transversal – Revista em Tradução**, Fortaleza, v. 4, n. 7, p. 41-65, 2018. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/38106/1/2018\\_art\\_vlvmachadojweininger.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/38106/1/2018_art_vlvmachadojweininger.pdf). Acesso em: 20 mai. 2022.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MCCLEARY, L. e VIOTTI, Evani. (2011). Língua e gesto em línguas sinalizadas. **Veredas**, Juiz de Fora, p. 289-304. Disponível em: <https://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2011/05/ARTIGO-212.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2022.

MENEZES, Ronny Diogenes de. Libras: uma reflexão a respeito do histórico de uso do termo. *In: Anais II CINTEDI*, 2017. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/44769>. Acesso em: 16 fev. 2022.

MOURA, Débora Rodrigues. **Libras e leitura de língua portuguesa para surdos**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2015.

NASCIMENTO, Wagner Cipriano do; SCHROEDER, Carla Andrea. Os desafios regionais da mesorregião geográfica oeste do Paraná. *In: IV SIMPGEO – Simpósio Paranaense de Pós-Graduação em Geografia*, 2009. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/GEOGRAFIA/Artigos/artigo\\_cipriano.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/GEOGRAFIA/Artigos/artigo_cipriano.pdf) Acesso em: 4 jun. 2022.

ORSELLI, Renata Alves. **As variações Linguísticas da Língua Brasileira de Sinais: Características e Particularidades**. Disponível em: <https://www.fics.edu.br/index.php/integraacao/article/view/540/590>. Acesso em: 10 ago. 2022.

PARREIRA, Míriam Silveira. A importância do pensamento de Saussure e da teoria de Chomsky para a Linguística Moderna. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, vol. 11, n. 3, jul./set. 2017. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/36978>. Acesso em 10 set. 2022.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. Aula 4: Conceitos linguísticos fundamentais. *In: PEDROSA, Cleide Emília Faye. Linguística*. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2009.

PEREIRA, Éverton Luís. **Cena na cidade dos mudos: surdez, práticas sociais e uso da língua em uma localidade no sertão do Piauí**. (2013). Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

PEREIRA, Graciele Kerlen. **Libras** (Língua Brasileira de Sinais). Texto adaptado, 2010. Disponível em: [https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/incluir/libras/curso\\_de\\_libras\\_-\\_graciele.pdf](https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/incluir/libras/curso_de_libras_-_graciele.pdf). Acesso em: 20 mar. 2022.

PERLIN, Gladis; STROBEL, Karin. **Fundamentos da educação de surdos**, Florianópolis, 2008. Disponível em: [https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificafundamentosDaEducacaoDeSurdos/assets/279/TEXTO\\_BASE-Fundamentos\\_Educ\\_Surdos.pdf](https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificafundamentosDaEducacaoDeSurdos/assets/279/TEXTO_BASE-Fundamentos_Educ_Surdos.pdf). Acesso em: 20 nov. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **DECLARAÇÃO DE SALAMANCA Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**. Brasília, 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2022.

QUADROS, Ronice Müller de.; KARNOPP, Lodenir, Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed. 2004.

QUADROS, Ronice Müller de. **Libras: linguística para o ensino superior**. 1.ed. São Paulo. Parábola, 2019.

QUADROS, Ronice Müller de; STUMPF; Marianne Rossi; LEITE, Tarcísio de Arantes (Orgs.). **Estudos da língua brasileira de sinais I**. Série Estudos de Língua de Sinais. V.I. Florianópolis: Insular. 2013.

RAMOS, Clélia Regina. **Histórico da Feneis até o ano de 1988**. Disponível em: <https://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo6.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2022.

SALOMÃO, Ana Cristina Biondo. Variação e mudança linguística: panorama e perspectivas da sociolinguística variacionista no Brasil. **Revista Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 187-207, jul. /dez. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2011v8n2p187>. Acesso em 10 fev. 2022.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Nomenclatura na área da surdez**. Disponível em: [https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/saude/arquivos/deficiencia/Nomenclatura\\_na\\_area\\_da\\_surdez.pdf](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/saude/arquivos/deficiencia/Nomenclatura_na_area_da_surdez.pdf) Acesso em: 16 fev. 2022.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. **Diretrizes da educação especial para a construção de currículos inclusivos**, Curitiba: SEED, 2006. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce\\_edespecial.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_edespecial.pdf). Acesso em 20 jan. 2022.

PARANÁ. Casa Civil do Governo do Estado do Paraná . **Dispõe sobre a criação do Centro de Apoio ao Surdo e aos Profissionais da Educação de Surdos - CAS de Cascavel**. Curitiba: Casa Civil do Governo do Estado do Paraná, 2018. Disponível em: <https://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/pesquisarAto.do?action=exibir&codAto=208954&indice=1&totalRegistros=9&dt=19.3.2021.15.25.59.261>. Acesso em: 25 maio 2022.

SILVA, Luciana; BELLO, Suzelei Faria; HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **Revista Digital Biblioteconomia Ciência da Informação**, Campinas, v.10, n.1, p. 53-66, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896>. Acesso em: 20 maio 2022.

SHUY, Roger. A brief history os American sociolinguistics. *In*: PAULSTON, Christina Bratt; TUCKER, G. Richard. **Sociolinguistics**, The Essential Readngs. Blackwell Publishing, 1990. Disponível em: [https://moodle.swarthmore.edu/pluginfile.php/254308/mod\\_resource/content/1/Shuy%202003%20History%20of%20Sociolinguistics.pdf](https://moodle.swarthmore.edu/pluginfile.php/254308/mod_resource/content/1/Shuy%202003%20History%20of%20Sociolinguistics.pdf). Acesso em: 20 maio 2022.

SILVA, B. G da. **Memória e narrativas surdas: o que sinalizam as professoras sobre sua formação?** (2012). Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012. Disponível em: [http://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/123456789/1640/1/Bianca%20Goncalves%20da%20Silva\\_Dissertacao.pdf](http://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/123456789/1640/1/Bianca%20Goncalves%20da%20Silva_Dissertacao.pdf) Acesso em: 20 out. 2021.

SOUZA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da Fucamp**, v. 20, n. 43, p. 64-83, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336>. Acesso em: 5 fev. 2022.

STREIECHEN, Eliziane Manosso. **Libras: aprender está em suas mãos**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2017.

STELLE, Taline Galan; STRIEICHEN, Eliziane Manosso, Os principais mitos sobre os surdos e a língua de sinais. *In: XI Congresso Nacional de Educação. Educere*, Curitiba: PUC, 2013. Disponível em: <https://docplayer.com.br/2719219-Os-principais-mitos-sobre-os-surdos-e-a-lingua-de-sinais.html>. Acesso em: 22 mar. 2022.

STRIEICHEN, Eliziane Manosso. **Libras**, Unicentro, 2019. Disponível em: [http://repositorio.unicentro.br:8080/jspui/bitstream/123456789/1467/1/STREIECHEN\\_Libras.pdf](http://repositorio.unicentro.br:8080/jspui/bitstream/123456789/1467/1/STREIECHEN_Libras.pdf). Acesso em: 20 jan. 2022.

STROBEL, Karin. **História da educação de surdos**. Florianópolis, 2009. Disponível em: [https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificada/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase\\_HistoriaEducacaoSurdos.pdf](https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificada/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf). Acesso em: 20 abr. 2022.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

VIOTTI, Evani de Carvalho. **Introdução aos Estudos Linguísticos**. Florianópolis: UFSC, 2008.

XAVIER, Abner Silva. Libras, linguagem, língua: que mundo é esse? **ELOS Educaiconal**, 12 jul. 2018. Disponível em: <https://eloseducacional.com/educacao/libras-linguagem-lingua-que-mundo-e-esse/> Acesso em: 10 nov. 2022.